

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
Escola Superior de Desenho Industrial

---

# DESIGN<sup>E</sup> ATIVISMOS

---

Uma investigação sobre as Fronteiras  
Políticas da Prática do Design

Camila Barriviera dos Santos

Orientadora: Bianca Rêgo Martins

Rio de Janeiro

2020

### **Agradecimentos**

*Aos meus pais, pelo apoio constante e por uma vida inteira de aprendizado. Vocês são as minhas maiores inspirações, amo vocês.*

*À minha orientadora, por todo o suporte e ensinamentos ao longo desse projeto, sem você esse trabalho não teria essa profundidade e cuidado. Obrigada por sempre me escutar.*

*Aos meus amigos, por todo o apoio e felicidade que vocês me dão. Essa jornada toda não seria a mesma sem vocês.*

*À todos que participaram de alguma etapa deste projeto, especialmente José Andres e Eduardo Barros.*

# Sumário

|  |           |                                   |            |
|--|-----------|-----------------------------------|------------|
| <b>Resumo</b>                                      | <b>7</b>  |                                   |            |
| <b>1. Introdução</b>                               | <b>9</b>  |                                   |            |
| 1.1 Contexto                                       | 9         |                                   |            |
| 1.2 Questão Norteadora                             | 14        |                                   |            |
| 1.3 Objetivos                                      | 14        |                                   |            |
| 1.3.1 Gerais                                       | 14        |                                   |            |
| 1.3.2 Específicos                                  | 14        |                                   |            |
| 1.4. Justificativas                                | 16        |                                   |            |
| 1.4.1 Lugar de Fala                                | 16        |                                   |            |
| 1.4.2 Situação das Universidades                   | 17        |                                   |            |
| 1.4.3 Questão Racial                               | 18        |                                   |            |
| 1.4.4 Os Muro que Nos Cercam                       | 21        |                                   |            |
| <b>2. Metodologia</b>                              | <b>25</b> |                                   |            |
| <b>3. Aprofundamento</b>                           | <b>27</b> |                                   |            |
| 3.1 Educação, Resistência e Liberdade              | 27        |                                   |            |
| 3.2 Design Voltado Para a Sociedade                | 29        |                                   |            |
| 3.2.1 O Design Gráfico Voltado Para a Sociedade    | 30        |                                   |            |
| 3.2.2 O Design Não é Isento                        | 32        |                                   |            |
| 3.3 Sobre o Ativismo                               | 34        |                                   |            |
| 3.3.1 A(r)tivismo                                  | 34        |                                   |            |
| 3.3.2 O perigo de uma tendência                    | 42        |                                   |            |
| 3.3.3 O ativismo no Brasil e Suas Particularidades | 43        |                                   |            |
| 3.4 Apontamentos                                   | 45        |                                   |            |
| <b>4. Pesquisa de Campo</b>                        | <b>47</b> |                                   |            |
| 4.1 Levantamento de Dados                          | 47        |                                   |            |
|  |           | 4.1.1 Entrevistas                 | 47         |
|  |           | 4.1.2 Questionários               | 49         |
|  |           | <b>5. Reflexões</b>               | <b>53</b>  |
|  |           | <b>6. Diretrizes Projetuais</b>   | <b>57</b>  |
|  |           | 6.1 Valores Norteadores           | 57         |
|  |           | 6.2 Público                       | 57         |
|  |           | 6.3 Proposta                      | 58         |
|  |           | 6.4 Denominação do Projeto        | 58         |
|  |           | 6.5 Pesquisa Visual               | 59         |
|  |           | <b>7. Projeto Gráfico</b>         | <b>65</b>  |
|  |           | 7.1. Identidade Visual            | 65         |
|  |           | 7.1.1 Tipografia                  | 65         |
|  |           | 7.1.2 Logotipo                    | 67         |
|  |           | 7.1.3 Paleta de Cores             | 68         |
|  |           | 7.1.4 Elementos                   | 69         |
|  |           | <b>8. Detalhamento do Produto</b> | <b>71</b>  |
|  |           | 8.1 Apresentação                  | 71         |
|  |           | 8.2 Evento                        | 74         |
|  |           | 8.3 Visualização                  | 76         |
|  |           | <b>9. Considerações Finais</b>    | <b>85</b>  |
|  |           | 9.1 Um Último Contato             | 85         |
|  |           | 9.2 Ativismo e Militância         | 86         |
|  |           | 9.3 Depoimento Final              | 87         |
|  |           | <b>10. Referências</b>            | <b>91</b>  |
|  |           | <b>11. Apêndices</b>              | <b>101</b> |

*Palavras-chaves: design gráfico; design social; ativismo; debate; política*

## **RESUMO**

A necessidade de uma investigação do papel de um design(er) na sociedade, seus ativismos e outros desdobramentos, se inicia a partir de uma experiência pessoal dentro da universidade, permeada por questionamentos complexos, em relação às representações e possibilidades do design, em meio a um contexto social e político conturbado.

Portanto, o trabalho propõe uma análise do contexto social e histórico sobre o tema, seguindo para uma investigação no espaço acadêmico, onde muitos estudantes iniciam sua formação e começam a se deparar com tais questões. Além de ser intrinsecamente um espaço em que ocorrem muitas reflexões em torno do próprio design.

Cercada por muros, tanto hipotéticos quanto físicos, que nos separam de outras realidades, a ESDI se apresenta como espaço de campo de análise para essa pesquisa da (re)aproximação do design gráfico e o ativismo, seus efeitos e possibilidades. Esta presente no debate também a capacidade da linguagem visual de refletir um discurso gráfico, que se permeia ao longo da nossa formação e para além dela.

Inicialmente, o propósito é investigar do que tratam esses ativismos e como eles se constroem, de forma a entender a conjuntura atual em que esses se situam. Assim, foi realizada uma análise teórica, seguida de contato com pessoas envolvidas no contexto da universidade, para entender o que de fato está envolvido no processo de criação de um design social ou ativista.

Na segunda parte, através de um fase mais prática, esses dados e investigações serão trabalhados e expostos, com o objetivo de ampliar ainda mais o debate em torno do design ativista e sua atuação, não só dentro espaço da ESDI, mas também fora dele.

# 1. Introdução

## 1.1 Contexto

No período em que esta pesquisa se refere, entre 2019/2020, é possível afirmar que o Brasil passa por uma situação política complexa. Um dos principais motivadores dos diversos questionamentos gerados em nossa sociedade, desde pessoais até estruturais, é uma crise geral de representatividade. Vivemos em um momento político em que grande parte da população brasileira não se identifica com quem está em posições de liderança e se encontra descontente com a conjuntura atual como um todo.

Segundo uma pesquisa feita pelo Pew Research Center e o Instituto Ipsos em abril de 2019, **83% dos brasileiros se encontram insatisfeitos em relação à forma como a democracia funciona**, o que na verdade é o resultado de diversas outras crises, desde o modo como a justiça trata a população, aos casos de corrupção, dificuldades econômicas, etc. Mas ao que diz a respeito ao sistema político, o fato é que vivemos uma suposta democracia representativa em que a maior parte da população não se sente representada. Por exemplo, segundo o **Mapa Mulheres na Política** da ONU de 2019, o Brasil possui **9% de representação feminina no governo, com 2 mulheres entre os 22 ministros, considerando que somos quase 52% da população brasileira** (dados pesquisa IBGE/PNAD Contínua, 2018).

Ademais, um outro dado agravante da crise atual brasileira é a polarização, acentuada pela falta de diálogo. Segundo a mesma pesquisa feita pelo Pew Research e Instituto Ipsos (2019), **32% dos brasileiros acreditam que não vale a pena tentar conversar com pessoas que tenham visões políticas diferentes da sua**. Consequentemente, governos, políticos e representantes tendem a não escutar sua população – do mesmo modo

que um indivíduo não escuta o outro. Se as pessoas, especialmente as minorias, não estão sendo ouvidas, muito menos incluídas na sociedade, os problemas não serão resolvidos.

Como é possível notar, a conjuntura atual afeta não só as nossas relações interpessoais, como nos levam a questionar todos os sistemas em que vivemos. Naturalmente, todas essas dúvidas e insatisfações adentram o espaço do design. Como campo acadêmico, ele sempre foi alvo de questionamento e não deixará de ser, principalmente em relação às disparidades entre os conceitos ensinados e as práticas exercidas pelos profissionais.

No entanto, percebe-se um aumento do interesse de designers em utilizar suas ferramentas para expor ideias, gerar debates etc; indo além do âmbito acadêmico e introduzindo discussões sobre a sociedade, movimentos sociais, raça, gênero etc. O autor Carl DiSalvo (2010) propõe uma produção de design que diferencie um *design político* (já visto em diversos momentos com design social, design para a inovação social) de um *design para a política*. Este último teria um viés político ativista, sendo fundamentalmente revolucionário ao propor o uso de artefatos e processos de design para criar *espaços de contestação* (DISALVO, 2010 *apud* JULIANO, 2018).

Por conta desse cenário nota-se, por parte da população, uma vontade de se expor e ter a sua voz ouvida, e dos designers, de buscarem uma forma de utilizar suas ferramentas para clamar por mudanças, gerando esses espaços de diálogo. O movimento **Design Ativista Para Quem Não Aguenta Mais** surge nesse contexto, em parceria com o grupo de conteúdo Mídia Ninja, como uma rede de designers que se une para produzir conteúdo voltado para essas questões que surgiram nos últimos anos na sociedade, utilizando-o em redes sociais e em manifestações.

Em seu perfil no *Instagram*, chamado **@designativista**, o grupo publica diversos trabalhos feitos por designers e ilustradores, de acordo com alguma temática relevante no momento (Figura 1). Durante as eleições de 2018, o grupo se reuniu e de lá que surge a arte **#EleNão** (Figura 2), uma das mais divulgadas nas redes sociais durante esse período.

Dessa forma, foi possível notar que, atualmente, a relação entre o design e ativismo tem gerado frutos, levantando questões sobre o papel dessa ferramenta nos movimentos sociais. Mas essa não é uma discussão nova, em diversos momentos como nos movimentos sociais de Maio de 68 (Figura 3) e nos anos 90 com a luta contra a Aids (Figura 4), a produção gráfica

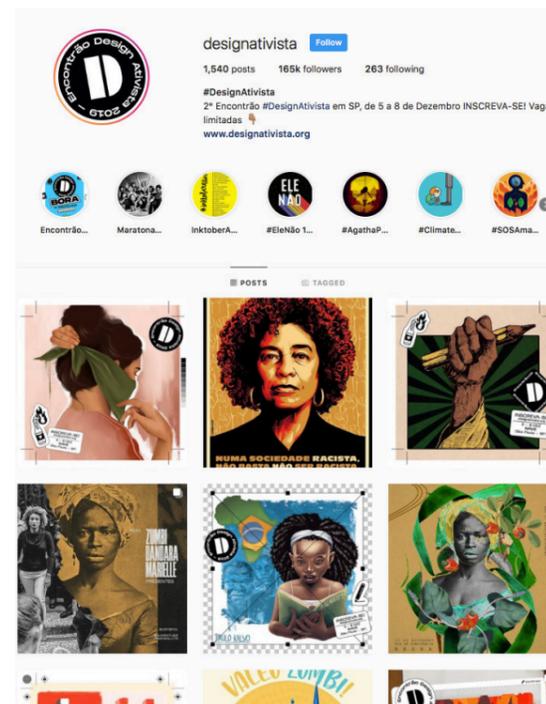


Figura 1 Perfil "Design Ativista" no Instagram



Figura 2 Arte "Ele Não"

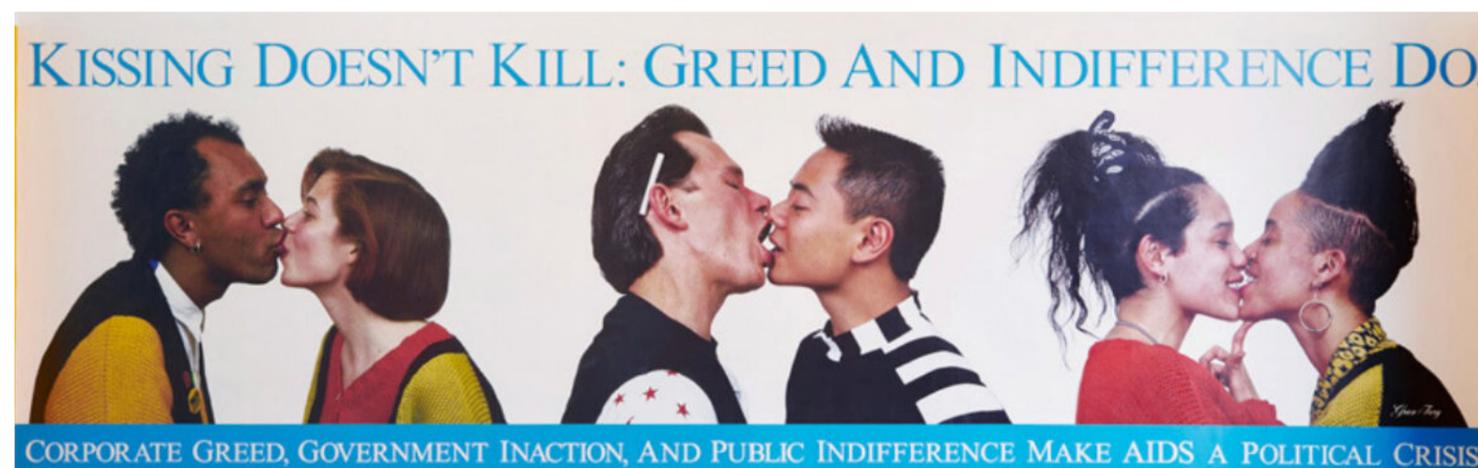


Figura 3 Trabalhadores da fábrica de automóveis Nanterre Citroen participam da manifestação organizada pelo sindicato dos trabalhadores franceses em 29 de maio de 1968.



Figura 4 Capa livro "Os Cartazes desta História"

Figura 5 Poster "Kissing Doesn't Kill: Greed and Indifference Do" (Beijar Não Mata: Ganância e Indiferência Sim - Tradução livre) do coletivo Gran Fury (1989)



possuía um papel importante na comunicação. O livro **Os Cartazes desta História** (2012) reúne quase 300 cartazes produzidos durante a ditadura militar no Brasil, que documentam esse período da história brasileira e refletem a importância da produção gráfica nesses momentos. (Figura 5).

O passado e o presente (e porque não o futuro) da vida política de um povo podem ser encontrados nos mais variados tipos de documentos. Um deles, aparentemente efêmero, destaca-se por fazer circular ideias e causas, resistências e combates, através de uma manifestação particular do design gráfico: o cartaz político. Este, no instante em que é colocado em circulação tem a eficácia de um instrumento de agitação e propaganda, para mais tarde tornar-se importante legado para a construção da memória histórica. Podemos dizer que sua origem é datada no século XVIII, na Revolução Francesa, quando passaram a dar vida a muros e postes, fazendo de uma ideia gráfica também um instrumento de combate. (CARTAZES..., 2012, p. 9)

Outro exemplo importante é o trabalho de Elifas Andreato, que produziu, ao longo de 53 anos de carreira, diversos materiais como cartazes de cinema, jornais de imprensa alternativa e capas de disco. Alguns exemplos disso foram os cartazes **Mortos sem Sepultura** (1977) (Figura 6) e **Murro em Ponta de Faca** (1978) (Figura 7), feitos para peças de teatro. Sua “produção está vinculada ao teatro engajado e a montagens relacionadas à temática da opressão e da resistência ao autoritarismo.” (MELO e RAMOS, 2011, pg. 452) Esses foram alguns dos muitos trabalhos que o designer produziu durante esse período que denunciavam a situação política do momento, se caracterizando como um importante exemplo de design ativista.

Mais recentemente, é preciso destacar as mudanças provenientes das manifestações de junho de 2013, como um momento relevante para o ativismo brasileiro. Inicialmente motivadas pelo aumento das tarifas de ônibus em diversas capitais brasileiras, o movimento chegou a levar, no dia 20 de junho, 1,25 milhões de pessoas para as ruas de 130 cidades em protestos de naturezas diversas, segundo a Revista Galileu (2018).

Existem diversas discussões provenientes desse período, sobre as reais consequências desses movimentos (especialmente em comparação à atualidade). Porém o que busco destacar aqui foi o aumento debate em torno do ativismo e suas possibilidades, especialmente para a população mais jovem. Segundo a plataforma *Google Trends*, o termo “ativismo”, como assunto, teve um salto em pesquisa nesse período e ainda mais em 2018, no período das eleições (Figura 8).

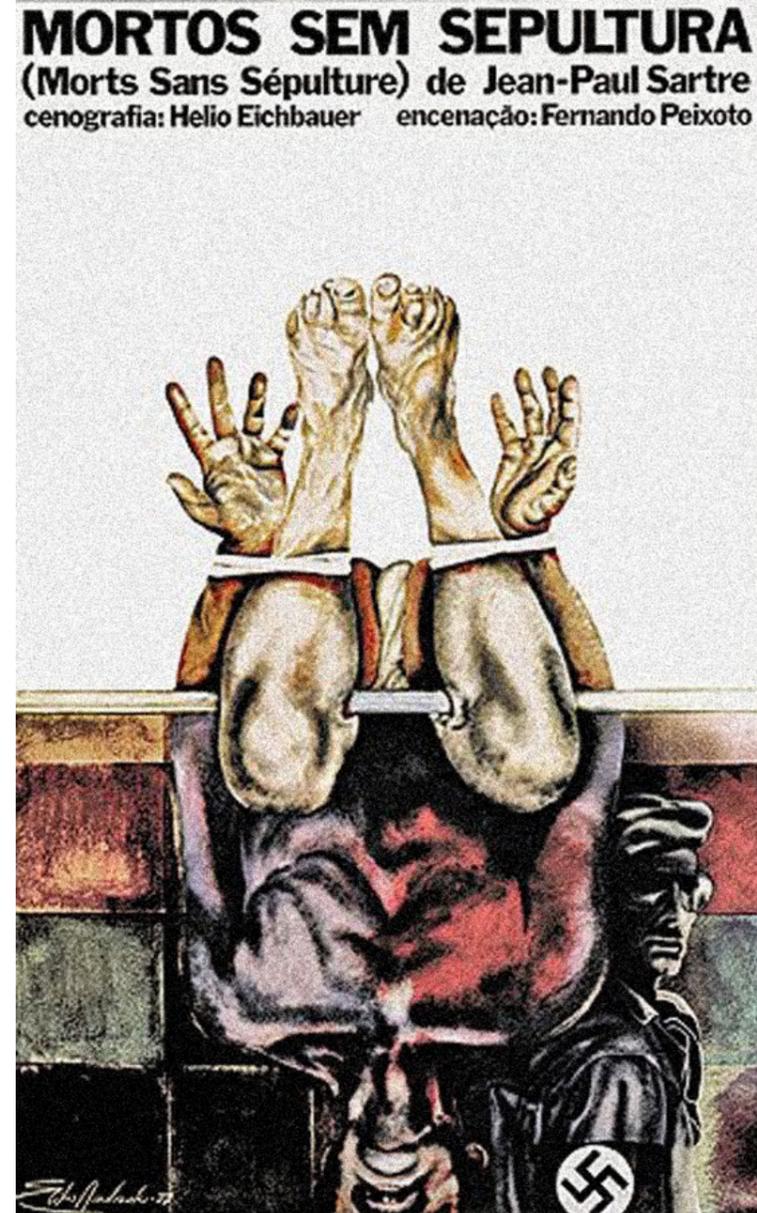


Figura 6 “Mortos sem Sepultura” de Elifas Andreato (1975)

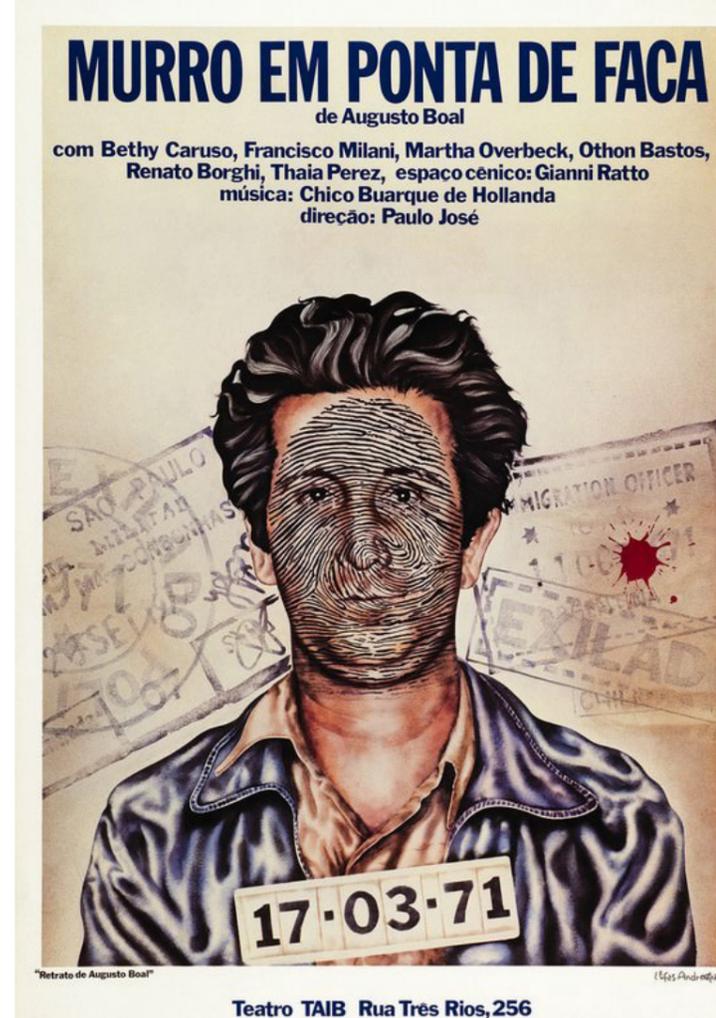


Figura 7 “Murro em Ponta de Faca” de Elifas Andreato (1978)

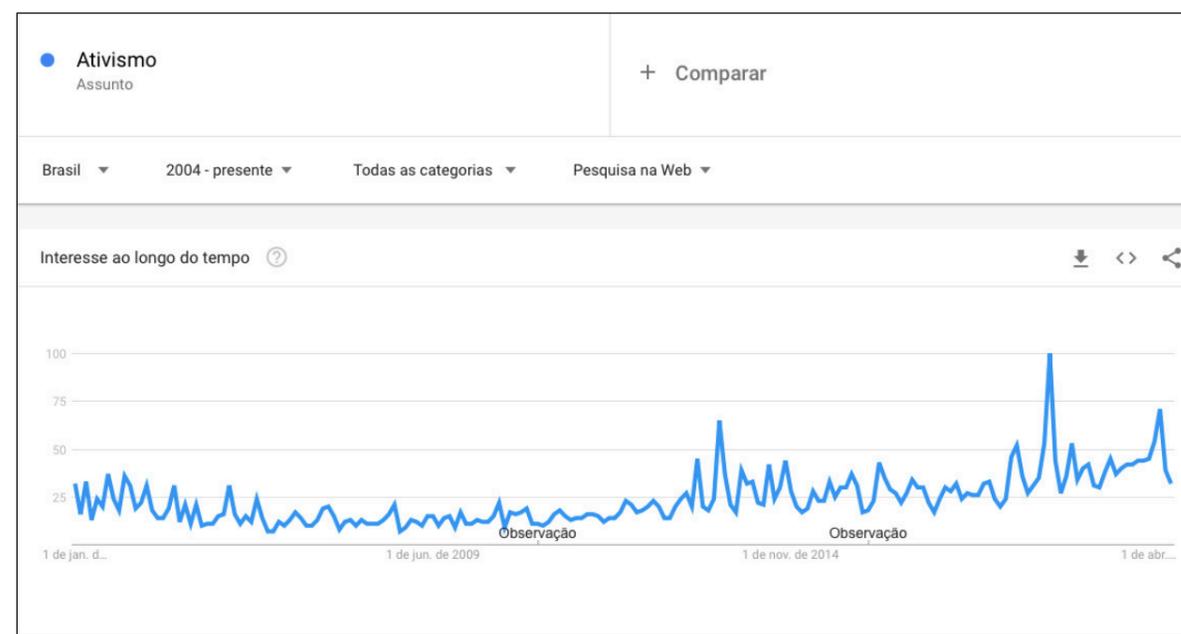


Figura 8 Tela da pesquisa sobre o termo “Ativismo” no Google Trends

Com os exemplos apresentados, fica claro o poder da ferramenta visual para dar visibilidade às causas sociais e políticas, além de como esse assunto foi se tornando mais presentes no cotidiano brasileiro. Com esse projeto, proponho a análise dessa reaproximação entre design e ativismo, com o intuito de entender também com ela é construída, quais valores ela possui, especialmente no contexto atual.

## 1.2 Questão Norteadora

Entrando em debate o papel de um design(er) ativista, se mostra possível uma análise desse contexto dentro de um espaço acadêmico, onde muitos estudantes iniciam sua formação e começam a entender essas diversas questões. Cercada por muros tanto hipotéticos quanto físicos que nos separam de outras realidades, a ESDI se apresenta como espaço de campo de análise para essa pesquisa da (re)aproximação, entre o design gráfico e o ativismo, seus efeitos e possibilidades em tempos de tanta descrença e desapontamento.

## 1.3 Objetivos

### 1.3.1 Gerais

Este trabalho propõe estimular o debate político em torno da produção de design gráfico com ênfase ativista, trazendo a questão para o contexto da ESDI.

Possui o intuito de desmistificar principalmente para novos designers quais seriam suas possibilidades de ação e prática como designers. E para os que já pensam sobre o designer e sua formação, instigar novas possibilidades e reavaliações.

### 1.3.2. Específicos

- **Investigar a presença de temas sociais no contexto acadêmico**

A partir do objetivo geral, surgiram questionamentos, tais como (a) de que maneira esses assuntos são mencionados dentro da própria ESDI? (b) É um interesse crescente? (c) A entrada de alunos cotistas teria modificado essas

temáticas de algum jeito? (d) E por final, o quanto é válido discutir certos assuntos dentro do meio acadêmico, para que ele tenha impacto fora deste meio também?

- **Debater a responsabilidade do design gráfico como cultura visual**

Assim como apresentado pela designer Inês Borges (2019) em sua tese, o design não só cria e manipula a linguagem visual, como pode ampliar um espaço de discurso político, dentro de movimentos e protestos, para que minorias conquistem seu espaço de fala, por exemplo.

A cultura visual em geral e o design gráfico são claramente dos mais eficazes para este efeito, na medida em que refletem o padrão estético do momento em que vivem assim como proporcionam uma visão para um contexto histórico de uma determinada situação/causa. (BORGES, 2019, pg. 94)

Como indivíduos, imersos neste contexto, principalmente em relação às minhas preocupações com o cenário atual da sociedade e do próprio ensino do design, vejo, por meio desse trabalho, uma possibilidade de investigar as criações do design e de que forma elas influenciam as práticas no mundo. Como mencionado no livro **O ABC da Bauhaus: A Bauhaus e a teoria do design** da Ellen Lupton e Abbott Miller,

A linguagem da visão não é auto explicativa nem autossuficiente, atuando em um campo mais amplo de valores sociais e linguísticos. Para dominar esse campo mais amplo, nós, designers, precisamos começar a ler e escrever sobre as relações da forma visual com a linguagem, a história e a cultura. (LUPTON e MILLER, 2019, pg. 9)

A partir dessa ideia busco entender não só de que forma podemos ser atuantes utilizando a linguagem gráfica, mas como é possível utilizá-la como questionar certos discursos e pensamentos sobre o design. É sobre isso que Margaret Anderson, dispõe na publicação online **Por que os EUA não conseguem descolonizar o ensino do design?** (Revista Eye, janeiro, 2017) (tradução livre), cuja fala se conecta bastante aos objetivos:

Para os EUA, cujos programas de design descolonizados são poucos e dispersos, uma abordagem transdisciplinar do design pode ser a melhor maneira de os educadores desenvolverem os trabalhos já estabelecidos e iniciarem uma conversa sobre design que reconheça muitas vozes em vez de poucas. (ANDERSON, 2017)

## 1.4 Justificativas

### 1.4.1 Lugar de Fala

O trabalho presente é um resultado de uma observação pessoal, ao longo de 5 anos de estudo, em relação à experiência de ser estudante de design. Considerando que o tema principal deste projeto é relação entre design gráfico e ativismo, se mostra necessário destacar certas considerações.

Pode-se afirmar que a conexão com o tema provém de uma história de relação entre educação e oportunidades. Para minha família, a educação foi uma plataforma de sustentação, para obter ascensão social, com novos objetivos e possibilidades. A valorização do conhecimento foi algo que herdei e que se concretizou ao longo da minha experiência como designer.

Mesmo tendo estudado em uma instituição particular no ensino médio, sempre entrei em contato com temas como ativismo e representação. Era um espaço em que, no entanto, não encontrava pessoas que eram semelhantes a mim, sendo uma das poucas alunas negras, eu ainda vivia em uma espécie de “bolha”, formada pelos mesmos tipos de pessoas.

Ao ingressar na ESDI, o que me trouxe muito conhecimento foram as trocas com pessoas diversas, inclusive devido à política de cotas, me permitindo enxergar muito além das possibilidades da minha profissão e da instituição. Foram nesses momentos que entrei em contato com movimentos como o feminista e o negro, e entendi como eles se articulavam entre si.

Mesmo entrando em contato com tantas realidades diversas, o conteúdo apresentado nem sempre possuía a mesma pluralidade e representatividade. Por conta disso, sempre senti a necessidade de também participar de eventos de design, cursos etc. A meu ver, a experiência de um curso superior se constitui por muito mais do que é tratado no âmbito da sala de aula. O uso do design como ferramenta para ação política provém dessa busca por entender uma outra atuação, além da lógica mercadológica ou de projeto, pensando no tipo de cultura que se cria e do tipo de discurso que se perpetua.

De modo geral, entender o lugar de onde esse conteúdo provém é de suma importância, considerando o tema ativismo e todas as questões que surgiram. A autora Djamilia Ribeiro, em seu livro **O que é o Lugar de Fala** (2017), destaca a importância de analisar esse ponto de vista, considerando que, ao longo do tempo, certos discursos foram privilegiados acima de outros.

Nele, ela explica que o *lugar de fala* não deve se limitar à representatividade, mas deve incentivar que diversas pessoas participem dos diálogos, principalmente àquelas que não tem sido escutadas há muito tempo.

Assim entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os vários temas presentes na sociedade. O fundamental é que os grupos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus social*, consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternos. (RIBEIRO, 2018, p. 19)

Acredito que o debate e a problematização sejam necessários para rever a cultura gráfica que o design produz. Por isso, o trabalho não tem como objetivo achar uma conclusão ou verdade irrefutável, mas propor uma investigação e o debate de forma a incluir mais pessoas nas discussões.

É possível afirmar, afinal, que uma das maiores justificativas para o interesse no tema é a conexão pessoal com ele, de maneira social e biográfica. E, pensando no *lugar de fala*, me pareceu pertinente reconhecer que o discurso<sup>1</sup> construído por meio desse trabalho tem suas características próprias e específicas.

### 1.4.2 Situação das Universidades

Uma outra justificativa para o tema se encontra bastante relacionada ao contexto, explicado acima. É preciso focar no momento atual das universidades públicas e por que é necessário discutir política e ativismos.

A pesquisa no Brasil e as universidades públicas brasileiras sempre sofreram pela falta de investimento. A própria UERJ, por exemplo, passou por diversas crises nos últimos anos, por conta de falta de verbas e investimentos. Porém, atualmente, essa questão vêm se complicando com o novo governo. Em maio deste ano, **o governo anunciou um corte de 30% no orçamento de Universidade federais, por parte do Ministério da Educação**. Nas semanas seguintes, a população foi às ruas se manifestar contra a decisão e mesmo o governo tendo recuado com sua decisão, muitos cortes ainda ocorreram.

<sup>1</sup> “Discurso” segundo a autora não como uma sequência de palavras, mas como a manifestação de um imaginário social que reflete poder e controle. Não são as falas em si, mas a estrutura que permite que certas vozes sejam escutadas e outras não.

Na última segunda-feira, a Capes anunciou o corte de 5.200 bolsas, que deixariam de ser renovadas (ou seja, redistribuídas para novos alunos) para conseguir manter as que estavam ativas. No total, a agência já cortou 11.800 bolsas neste ano. Já o CNPq afirmou nesta semana que não teria como garantir o pagamento de seus 84.000 bolsistas a partir do mês de setembro por falta de verbas. (El País, 2019)

Não parece ser possível, atualmente, ter otimismo em relação ao futuro da educação e pesquisas públicas no Brasil. Em tempos de crises, a liberdade em si é sempre colocada em pauta, com sucessivos ataques à cultura e educação. Dessa forma, como colocado por Hannah Arendt no livro **A Condição Humana** (2005), política é sinônimo de liberdade, do respeito a cada indivíduo e da possibilidade de mudanças coletiva.

Resta então dizer que o que pretendemos enfatizar ao analisar o conceito de política para Hannah Arendt é que a mesma implica não só a possibilidade, latente em todos os seres humanos, de “começar”, de criar algo novo, fazendo surgir o inesperado, o imprevisível, mas também, e não de maneira secundária, que a ação política nunca se realiza no isolamento, sempre é uma ação em conjunto, configurando um acordo entre iguais. Dessa forma, por mais que o início seja obra de um único indivíduo, há a necessidade de “outros” para que a ação seja concluída (...) (ARENDR, 2005, *apud* TORRES, 2007, pg. 240)

A postura defendida pela autora em relação à política me inspirou a pensar os aspectos de coletividade dentro do campo do design, identificando a possibilidade de atuação nas universidades. Discutir política no âmbito acadêmico é discutir o futuro e as condições de liberdade. Por conta disso, vejo como grande possibilidade de estudo o próprio meio acadêmico, dentro da instituição que é a ESDI, com suas pluralidades e desafios e como esta tem atuado politicamente nos últimos tempos.

### 1.4.3 Questão Racial

Inicialmente nesta pesquisa, destaco como contexto atual a falta de representatividade na sociedade e, em um momento seguinte, aponto para um questionamento sobre lugar de fala. Creio que essas duas noções, ao serem vistas no espaço que proponho, o da universidade, se conectam também sob outros aspectos. Não é possível falar sobre ativismos e representação, sem falar de raça. Foi essa questão que, pessoalmente, me levou a ter interesse no tema.

Temos visto em diversos campos da sociedade a necessidade da população negra de repaginar a sua história - um grande exemplo disso foi o desfile da Mangueira de 2019 (Figura 9). Segundo o carnavalesco Leandro Vieira Jr.: “Eu acho que o desfile da Mangueira é um recado para a sociedade brasileira, que tem passado por um momento que não reconhece a força da identidade indígena, a força da identidade negra e dos pobres deste país.” (Forum, 2019)



Figura 9 Desfile Mangueira (2019)

Com esse exemplo, pude entender que um aspecto importante para o ativismo atual, principalmente o negro, é ser capaz de recontar a história a partir de pontos de vistas diferentes, para que se construa um futuro mais inclusivo e consciente. Além disso, ficou claro que ativismo em si está diretamente atrelado à uma noção de vivência. Talvez por isso exista tamanha dificuldade em tratar do assunto, principalmente para aqueles que passam por esses questionamentos e sofrem com o racismo diariamente em suas vidas.

Trazendo essa discussão para o ambiente das universidades, o interesse em tratar de temas como gênero, raça e classe, estão diretamente conectados não só a um contexto político atual do país. Mas também à uma realidade nas universidades, principalmente a UERJ, que há 15 anos vem mantendo um sistema de cotas (Instituto Geledés, março, 2019). A jornalista Flávia Oliveira, afirmou em suas redes sociais: “Gosto de pensar a política de cotas como uma oportunidade que esse povo preto, periférico e de baixa renda está dando ao mundo acadêmico convencional, eurocêntrico e embranquecido de conhecer os nossos saberes.” (Twitter, 2019)

Creio que isso está no centro do meu interesse e a consequência desse momento pôde ser vista no mês de novembro de 2019, em que uma pesquisa feita pelo IBGE, com base na Pnad Contínua (2019), afirma que os **negros ocupam mais da metade da das vagas em universidades**. Isso gerou ainda mais discussão em torno das cotas. De fato, inicialmente a pesquisa parece comprovar o fim da desigualdade nas universidades públicas e da utilidade das cotas, porém a realidade das universidades aponta que estamos bem longe de uma igualdade de oportunidades. Segundo uma matéria sobre o tema no jornal O Globo (Novembro, 2019), ainda existem problemas como abandono do curso, falta de representação negra no corpo docente, ao fato de que, mesmo formados, a população negra ainda ganharia menos ao entrar no mercado de trabalho, entre muitos outros.

É importante apontar que como indivíduos, instituição e sociedade, estamos sempre atrelados à uma estrutura racista como argumentado pelo autor Silvio Almeida em seu livro **Racismo Estrutural** (2018). Esta não é uma discussão recorrente dentro do design (algo que felizmente tem mudado). E quando ocorre, geralmente permanece no tema da representatividade, que “não faz com que o racismo seja enfrentado ou superado, pois não é ela que garante a mudança da forma como se compreendem as relações sociais, tampouco retira o estigma colocado sobre os negros.” (BATISTA 2018 *apud* ALMEIDA 2018, p. 2586). São avanços que não são suficientes e não significam necessariamente inclusão.

Entender o racismo como estrutura social e a forma como este afeta os diversos campos mencionados aqui, faz com se torne clara a necessidade de debater quais estruturas permeiam o campo do design. Assim, devemos entender essas estruturas como construção e não como estabelecidas em nossa formação, discursos, etc. O fato desta investigação ter como pauta design, sociedade e a visibilidade dentro da universidade revelou a necessidade de mencionar a questão racial, levando-se em conta a sua importância no contexto atual, bem como na pesquisa, entrevistas e exemplos utilizados ao longo da investigação.

#### 1.4.4 Os Muro Que Nos Cercam

Quando se trata de esfera pública e de comunicação visual em uma cidade, é impossível não falar de muros. Eles existem de diversas formas ao nosso redor, principalmente em relação ao espaço acadêmico e mais especificamente, a ESDI. Uma característica física marcante da universidade são os muros a sua volta. Ao meu ver, considerar o muro como uma questão importante me levou a alguns apontamentos, que podem se resumir em muro como *suporte artístico*, o muro como *separação* e o muro como *invisibilidade*. Estes, me levaram a questionar o modo como design gráfico pode se relacionar com o público e com o coletivo.

Como articulado no artigo **Expressões Visuais e Intervenções Urbanas: Design Gráfico, Ativismo e Manifestação Social** de Vívian Martins (2015), o design gráfico socialmente orientado se conecta de diversas formas com a arte urbana. A autora afirma: “Como ocorre em intervenções urbanas com foco em transformação social, o objeto do design seria a interação entre os homens ou, ao menos, a reflexão. Um muro pintado não é apenas um muro pintado, é um veículo transmissor de mensagem.” (MARTINS, 2015, pg. 37)

Essa análise é muito pertinente quando se analisa os movimentos sociais, em que muro é o local onde colam cartazes durante as manifestações, onde “picham” dizeres diversos, etc. é um local marcante para a comunicação. Um exemplo disso foi o *Atelier Populaire*, que surgiu na França em maio de 1968, em um momento marcantes revoluções sociais.

O grupo se reunia na Escola de Belas Artes de Paris e era composto de estudantes, artistas e trabalhadores. Lá produziram cartazes (Figura 10 e 11) e planejavam manifestações, criando uma linguagem visual que começou a ser vista em diversos lugares do mundo. Isso leva o designer ativista a ser visto não como um indivíduo solitário e genial, único responsável pelas mensagens gráficas que produz, mas como membro de uma comunidade que luta pelos mesmos objetivos, cada um com sua ferramenta. (BORGES, 2019)

Segundo Rafael Miyashiro (2014), esse foi um movimento importante também para buscar entender o design como algo concreto e estratégico, e não mero suporte estético. Ele traduz do livro **Atelier** (2010) que,

Os pôsteres produzidos pelo Atelier Populaire são armas e serviços da luta e são parte inseparável dela. Seu lugar correto é nos centros do conflito, isto é, nas ruas e nas paredes das fábricas. Usá-los para motivos decorativos, mostrá-los em lugares burgueses da cultura ou considerá-los como objeto de interesse estético é depreciar tanto sua função quanto seu efeito. (ATELIER, 2010 *apud* MIYASHIRO, 2014, pg. 66)



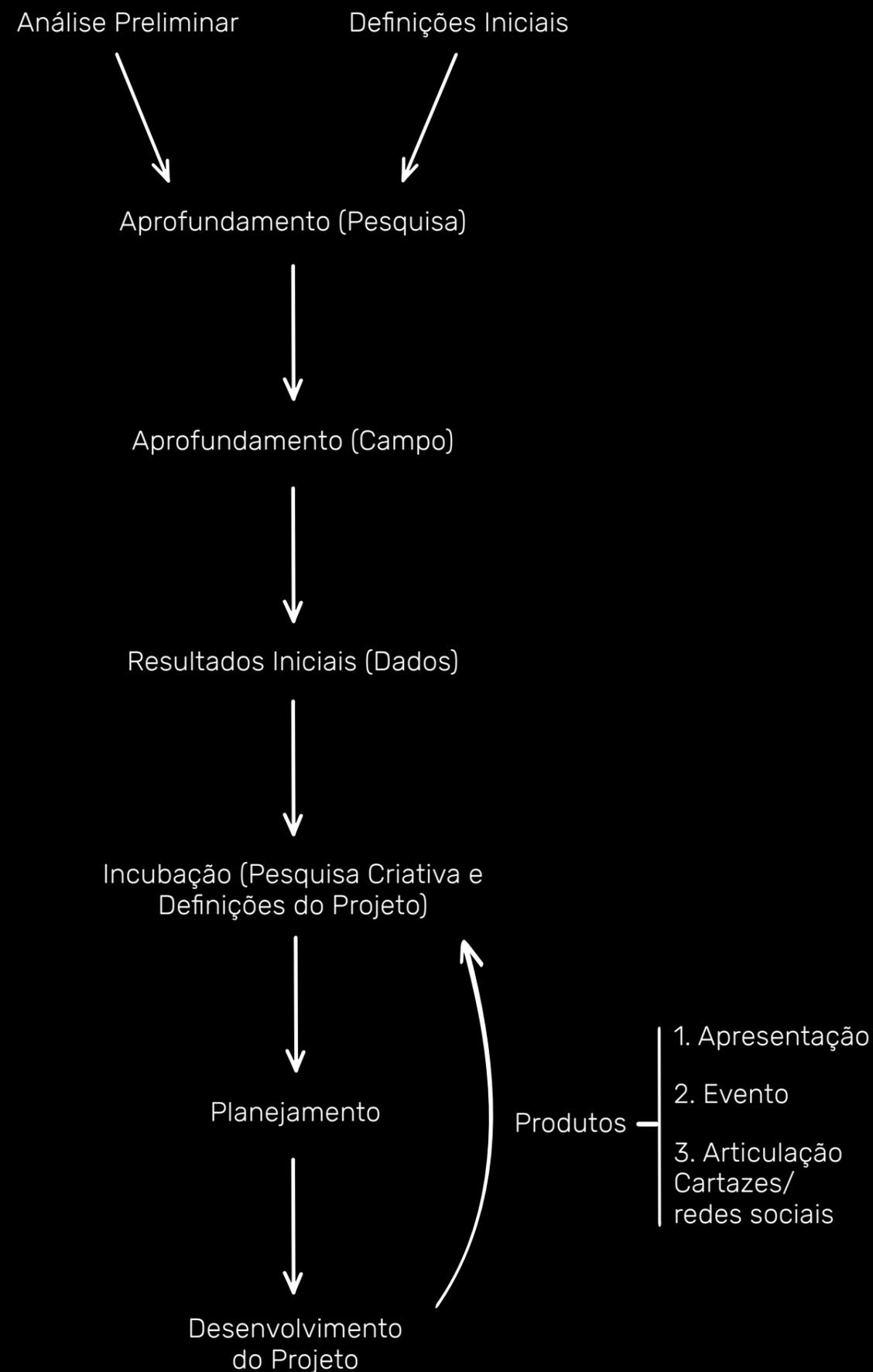
Figura 10 Cartaz "La Lutte Continue" (1968)

Por conta dessa discussão, me parece pertinente discutir o local do design ativista e como ele se conecta à rua e às pessoas. E entrando em conexão ao lugar de análise deste trabalho, encontramos ao longo da ESDI um muro que parece reforçar fisicamente a separação do espaço acadêmico com a realidade a fora.

Como analisado em momentos anteriores, a universidade passa por uma crise não só financeira, mas de credibilidade entre diversos setores da população. Considero assim que uma das necessidades de um design ativista, em nosso contexto, é exatamente aproximar a realidade do mundo afora à sociedade que buscamos construir com as ferramentas adquiridas na ESDI. Podemos de certa forma repensar o muro que nos cerca e as questões reais e estruturais que nos atingem, repercutindo em outros espaços da sociedade. Tendo em vista a construção de um projeto que põe em questão um design ativista, considero importante pensar em seu local de aplicação para que possa articular com o coletivo.



Figura 11 Cartaz "Pouvoir populaire" (1968)



## 2. Metodologia

No momento de pensar um método elaboração deste projeto, considerando a proposta de investigar acerca o tema design e ativismo, chego à conclusão que foi necessário articular os conteúdos estudados em análise inicial, buscando entender melhor conceitos pertinentes ao entendimento do tema, para em um segundo momento compreender o cenário da questão estudada, nesse caso, a própria ESDI.

A partir do conteúdo visto nesses momentos, investigar os formatos possíveis de elaborar uma síntese da temática, de forma que apontem caminho para o desenvolvimento do projeto final. A **Análise Preliminar** e **Definições Iniciais** fazem parte do entendimento do contexto, ao utilizar dados diversos (desde reportagens, *tweets* à artigos acadêmicos), busquei entender de que forma escolheria atuar sobre a questão, direcionando a pesquisa. Em seguida, no **Aprofundamento** como **pesquisa**, foram criados bases entendimento em torno do conceito de “design ativista”, utilizando diversos conceitos em uma trajetória de “afunilamento”, ou seja, partindo de conceitos mais gerais (como educação e design gráfico) até mais específicos (mais relacionadas ao ativismo em si); já em **campo**, o momento de análise foi levado ao cenário proposto, buscando contato com o público para entender na prática as questões levantadas. Nesta última foram feitos um questionário e uma entrevista.

Ademais, tem início o momento de verificação dos **Resultados Iniciais**, em que as conclusões das etapas anteriores são colocados em pauta, como preparação para a fase de **Incubação**. Nesta fase, acontece a pesquisa de projetos similares, delimitação de parâmetros, resultando em escolhas que deverão permanecer ao longo do **Desenvolvimento do Projeto**.

Ao longo destas últimas fases da pesquisa, o projeto final se organizou em três produtos: **Apresentação**, **Evento** e Articulação **Cartazes/Redes Sociais**. Para cada uma deles, foi necessários retornar à **Incubação**, **Planejamento** e **Desenvolvimento**, etapas importantes para sua realização.

## 3. Aprofundamento

Para entender mais sobre o assunto, foram conectados autores e conteúdos que auxiliariam o entendimento do debate proposto no projeto. São apresentados os eixos para a pesquisa, que servem de base para as próximas etapas. O primeiro eixo trata da relação entre o **ensino de design e a educação**, o segundo sobre o **design voltado para a sociedade**, o terceiro tem como destaque o **design gráfico** e, finalmente, um último sobre a construção do conceito de **ativismo e de questões atuais**.

### 3.1 Educação, Resistência e Liberdade

Incluindo a ESDI como campo de análise, surgiu a necessidade natural de lançar mão de uma perspectiva educacional para o tema. Tentando entender, neste momento da pesquisa, o modo a educação constrói uma perspectiva de mundo, sua identidade; considera-se que é a partir dessa formação que iremos atuar no mundo, com as ferramentas do design.

Em um primeiro momento, foi mencionado a necessidade de se desconstruir alguns pensamentos de design, tendo em vista que várias referências de ensino partiam de um mesmo ponto de vista, usualmente eurocentrado. Procuro entender quais seriam então, as ferramentas dentro deste mesmo universo que poderiam contribuir no entendimento de outras possibilidades de se “educar”.

No capítulo **Das Teorias Tradicionais às teorias Críticas** do livro **Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias de Currículo** (2010) de Tomaz Tadeu Silva, o autor introduz os pensamentos dos teóricos Henry Giroux sobre o tema.

Segundo o autor, Henry Giroux foi um pensador que questionou a construção social da pedagogia e do currículo, com base no conceito de resistência. Para Giroux, existe um modelo de educação que ele chama de *teorias de reprodução*. Estas, seriam as teorias mais tradicionais de aplicação de currículo que pressupõem um controle e poder em que o aluno se torna imobilizado e pessimista por sua posição passiva nesse processo. Com essa descrição, foi possível compreender a perspectiva de vários alunos da ESDI com os quais tive convívio.

Giroux defende que é necessário um espaço para “a oposição e resistência, para a rebelião e subversão.” (SILVA, 2010, pg. 53). Esse espaço, desenvolvido a partir da pedagogia e educação, deve ser construído para que o conteúdo seja crítico da construção social dominante e que os alunos possam ter seus desejos, anseios e pensamentos ouvidos e atentamente considerados, o que ele chama de *pedagogia da possibilidade*. Essa proposta de ensino se conecta à um conceito apresentado pela antropóloga Lélia Gonzalez.

Ao articular diversos aspectos da luta negra pelo fim do racismo e sexismo, Gonzalez afirma que na sociedade brasileira a população negra tem sido silenciada: “Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (*infans*, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.” (GONZÁLEZ, 1983,pg. 225).

A meu ver esse tipo de pensamento se encaixa diretamente quando falamos de ativismo, principalmente nos dias de hoje. Creio que seja necessária uma avaliação das propostas de design ativismo, na medida que eles podem estar tratando minorias como *infans*, assim como pode ocorrer dentro das salas de aula. Os alunos devem ser mais ouvidos, devem participar mais ativamente de certas discussões e acredito que a universidade seja o espaço ideal para isso.

O trecho final do livro **Ensinando a Transgredir: a Educação como Prática da Liberdade**, de bell hooks (2013) resume precisamente esta argumentação:

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação com prática da liberdade. (HOOKS, 2013)

## 3.2 Design Voltado Para a Sociedade

Ao longo desse projeto, foram feitos apontamentos acerca da natureza do design ativista. Para isso, tentei entender o surgimento do conceito de design voltado para mudanças sociais e culturais.

Uma discussão comum dentro do design é a polarização entre o que seria o design para a sociedade e o design para o mercado. Principalmente considerando o ensino do design no Brasil, na maioria das vezes, estabelecido como uma ferramenta industrial e mercadológica.

Victor Margolin, em seu texto **Um ‘Modelo Social’ de Design** (2002), afirma que o *modelo social* e *modelo de mercado* não são dois pontos separados, mas duas extremidades de um contínuo e a diferença é definida pela prioridade na atribuição de tarefas e não pelo método de produção ou distribuição (MARGOLIN, 2002). Defende também que a formação do designer necessita de mais conteúdos de estudo da sociedade, para que se tornem designers mais conscientes e atuantes em problemas sociais. (MANGOLIN *apud* ANDRES, 2002)

Já o designer Joaquim Redig defende que não existe o termo design social, afirmando que design social é pleonasma e que não existe design que não seja social - para a sociedade. E se não for, não é design. (BRAGA, 2011). Redig coloca que a preocupação com a sociedade é algo inerente ao designer. O design de mercado, ou feito apenas para interesses imediatos mercadológico e sem preocupações sociais, não pode nem ser considerado como design. O autor acredita que o benefício social não precisa vir de iniciativas assistencialistas ou atividades que aconteçam fora do expediente cotidiano do designer. (YAMAMOTO, 2014)

Tendo em vista essas considerações, creio que a princípio, de fato, o design voltado para o mercado pressupõe uma preocupação social. Porém considero que é uma questão de prioridade e foco de projeto que diferencia os dois e na realidade em que vivemos é possível perceber essa diferença de abordagem.

Um dos autores mais citados sobre o tema, Victor Papanek, em seu livro **Design for the Real World** (Design para o Mundo Real) (1972), põe em questão a consciência do designer em relação ao seu processo criativo, sociedade e meio ambiente. Segundo ele, o projeto de um único produto não relacionado a seu ambiente sociológico, psicológico e arquitetônico da cidade já não é possível, nem desejável (PAPANEK, 1972). Ou seja, vejo nessa proposta de

reavaliação do processo de design uma interdisciplinaridade maior entre os campos do saber, como sociologia, filosofia etc; como possibilidade para o surgimento de novas visões do design.

O designer, profissional focado na resolução de problemas e na sensibilidade para percebê-los, tem muito a colaborar nesse sentido. Ao beber na fonte da interdisciplinaridade, familiarizando-se com outros domínios, inserindo outras ciências no processo de design, é capaz de potencializar, assim, a habilidade de reconhecer, isolar, definir e resolver problemas. (PAPANÉK, 1972 *apud* FERREIRA et ARAÚJO, 2014, pg. 7 e 8)

No livro **Design para um Mundo Complexo** (2012), de Rafael Cardoso, o autor afirma que:

Sempre nos deparando com novas fronteiras, o design tende se afastar da materialidade e caminhar em direção à experiência, ao uso e à emoção. Cada vez mais os objetos de design serão imateriais, e o designer terá de aprender a projetar interações. É uma experiência de uso, de troca de informação. (CARDOSO, 2012 *apud* FERREIRA et ARAÚJO, 2014, pg.8)

Acredito assim, que a reaproximação recente de design e ativismo seja fruto desse questionamento do papel do designer na sociedade feito por autores como Joaquim Redig e Victor Margolin (*Qual a finalidade do seu design?*) e desses novos formatos mencionados por autores como Victor Papanek e Rafael Cardoso (*O que e como o design projeta?*).

### 3.2.1 O Design Gráfico Voltado Para a Sociedade

Ao buscar entender melhor o que já existe em relação ao design social e suas teorias, direcionei a pesquisa para questões específicas do design gráfico. Entendo que este possui uma relação diferente quando se trata de movimentos sociais e a comunicação.

O designer argentino Jorge Frascara, no texto **O Papel Social do Design Gráfico** publicado na revista *Design & Interiores* (1989), coloca três suposições para o exercício do papel social do design gráfico na América Latina:

(...) primeiro, na impossibilidade do êxito sem design; segundo, na necessidade de capitalizar a experiência universal, estudando tanto os êxitos e fracassos dos países mais industrializados, como também os dos países menos industrializados; e terceiro,

na necessidade de adaptar e aplicar essa experiência e esses conhecimentos na específica realidade latino-americana. (FRASCARA, 1989 *apud* YAMAMOTO, 2014 pg.15)

Sobre o exercício da profissão, ele ainda complementa que o comunicador visual com atuação social consciente, deve ter ações metódicas e informadas. Estas devem ser apoiadas nos valores econômicos, comunitários, educacionais, culturais e sociais do desenho, permeadas em todas as atividades de design.

“E, (...) para atuar significativamente, os profissionais [do design gráfico] devem preocupar-se não só com a maneira de comunicar, mas também com o conteúdo de suas comunicações e que a responsabilidade social perante à profissão é algo improrrogável, principalmente na América Latina, onde é inadiável também a necessidade de ordem e eficiência para um melhor aproveitamento dos recursos disponíveis.” (FRASCARA, 1989 *apud* YAMAMOTO, 2014 pg.15)

O livro **O Papel Social Do Design Gráfico** (2011), organizado por Marcos Braga, reúne textos de diversos autores sobre o assunto e inicialmente o autor já afirma que o questionamento trazido pelo livro não é se o design afeta ou não a sociedade, mas quais questões isso implica, de que forma isso ocorre. No capítulo **Com Design, Além do Design: os Dois Lados de Um Design Gráfico com Preocupações Sociais** de Rafael Tadashi Miyashiro, o autor articula as posições existentes sobre o assunto.

Inicialmente, declara que os anos 60 e 70 foram períodos muito importantes para a transformação social: muitos movimentos surgiram ou se ampliaram, como movimentos estudantis, feministas (segunda onda), Black Power etc; o mundo estava reavaliando as estruturas vigentes da época e foi um período muito rico de produção visual. O design gráfico então surge como ferramenta para contestar a sociedade e exigir mudanças, mas com a consciência que o design poderia ser algo concreto e estratégico para questionar e propor novas atitudes, e não somente o suporte gráfico (MIYASHIRO, 2014). E mais, discute como muitos desses trabalhos que buscam gerar consciência social, não tem preocupação com o seu público nem com as questões sociais, e sim com a satisfação pessoal. Ou seja, além de pensar no projeto gráfico de maneira mais ampla, ele propõe que o design voltado para a sociedade repense a sua estratégia de design.

O autor, ao analisar diversos projetos, incentiva a discussão, ampliação e aplicação de novos projetos. Reconhecer que pensar em um projeto de comunicação, é também entender esse conceito de forma mais abrangente como ponto de contato entre as pessoas. E que no ensino de design devem

estar previstas discussões de conteúdos que estimulem o exercício de cidadania. Para reiterar esse argumento, utiliza o pensamento de Katherine McCoY (1997):

O que tenho mais em mente é estimular um conjunto de cidadãos ativos, informados, participantes preocupados com a sociedade e que são designers gráficos. Devemos para de ensinar nossos alunos inadvertidamente a ignorar suas convicções e a serem servos passivos da economia. (MIYASHIRO, 2014 *apud* McCOY, 1997, pg.83)

A definição do que a autora mencionada afirma como “cidadão ativos” se aproxima demais do conceito de ativismo que procuro explorar. A palavra “ativismo” já prevê a ação e se torna válido tentar entender essa perspectiva de que precisamos entender no que acreditamos e em quais lutas queremos participar. E, a partir disso, iremos utilizar o design gráfico como ferramenta para expressar essas ideias e servir como plataforma para discussões de questões sociais, através de recursos visuais, atingindo não só cidadãos, que nos ajudam a ampliar a mensagem, como também altos cargos da sociedade (FUAD-LUKE, 2009).

### 3.2.2 O Design Não é Isento

Por muito tempo e em muitos debates em relação ao papel do design, ele é visto como uma ferramenta neutra, como uma ponte entre dois polos. Porém, nessa discussão sobre as possibilidades do design gráfico, é necessário questionar esse tipo de visão para entender de que forma ele é sim atuante, principalmente quando se trata de uma cultura visual. Muitos projetos devem ser reexaminados para entender até onde podem perpetuar os sistemas de classe e o status social. À medida que mais e mais métodos de classificação social, estratificação e identidade de classe se desintegram, existe um mercado pronto para os produtos usados para expressar ambição social e esforços para o status. (PAPANÉK, 1972)

O escritor Mário Moura, em seu livro **O Design que o Design não Vê** (2018) analisa a forma como o design não pode ser considerado um discurso isento e que participa, através da sua linguagem formal, numa cultura visual que é muitas vezes veículo de mensagens discriminatórias, utilizando a suástica como exemplo de símbolo racial. Isso deve-se em grande parte à capacidade do design para atribuir *valor social* através do seu discurso próprio, só aparentemente silencioso. (BORGES, 2019 *apud* MOURA, 2018)

Segundo o autor, o design não se limita apenas a decisões silenciosas sobre formas, é também uma disciplina que gere todo um discurso, todo um modo de falar sobre decisões formais, um modo de as argumentar, de hierarquizar. Ou seja, que o design produzia não apenas modos de representar graficamente o racismo, mas maneiras de articular racialmente decisões formais. (MOURA, 2018)

Além disso, diz que atualmente tenta-se omitir da história do design o momento da criação e divulgação do símbolo da suástica. Essa visão do design “neutro” foi muito questionada nos anos 90 e atualmente é mostrado uma necessidade de rever não só a neutralidade do projeto no presente, mas também da forma como contamos a própria história do design. Tendo em vista também que esses discursos visuais por muitas vezes ainda prejudicam a identidade de minorias, já que o design participa da criação de discursos sobre raça, gênero e classe, não apenas no sentido de produzir representações destas ideias, mas encenando-as na própria identidade disciplinar. O design por norma ainda é branco, masculino, heterossexual. (MOURA, 2018)

Creio que a tomada de consciência do poder que o design possui em perpetuar certas visões do mundo pode nos levar a buscar entender de que forma podemos rever essa situação. Principalmente no Brasil, em que o racismo, e outras formas de discriminação são estruturais na sociedade, deve-se pensar se estamos ou não contribuindo para isso, na mídia, no editorial, na publicidade, dentro da academia e até na hora de contratar outros designers depois de formados.

### 3.3 Sobre o Ativismo

#### 3.3.1 A(r)tivismo

Considerando a proposta de análise, encontro na pesquisa o conceito de *ativismo*. A conexão entre design e arte é sempre muito questionada, mas quando se trata de expor visualmente uma situação social, gerando um debate público, essas duas ferramentas são muito poderosas. Trabalhos como **Defacement** de Jean Michel- Basquiat (1983) (Figura 12) sobre brutalidade policial; **Anastácia Livre** de Yhuri Cruz (2019) (Figura 13) sobre a história da luta negra; **Algumas Pequenas Facadas** de Frida Khalo (1935) (Figura 14) sobre feminicídio e a violência da mulher, são alguns exemplos de como a arte pode comunicar visualmente questões complexas e dar voz à minorias.

Além disso, esses trabalhos, mesmo sendo de épocas e temáticas diferentes, são extremamente contemporâneos e necessários para o debate atual. "Utilizar recursos visuais como forma de ativismo pode mesmo permitir uma maior facilidade de compreensão de determinada questão social e aumentar a capacidade para discutir determinado assunto." (BORGES, 2019, pg. 94)

Segundo Teresa de Jesus Batista Viera, no artigo **Artivismo: Estratégias Artísticas Contemporâneas de Resistência Cultural** (2007), a arte ativista surge como uma manifestação artística predominantemente urbana, que surge nos fins dos anos 60, com as revoltas estudantis. Está conectada ao movimento de resistência cultural dessa época que vai além das fronteiras da arte.

É um conceito que se expande para diversos campos, mas que na arte relaciona o artista com o ativismo na medida em que ele tenta ser catalizador para a mudança, posicionando-se como cidadão ativista, seu trabalho é diametralmente oposto à prática estética isolada. Envolve aprender novas estratégias: como colaborar e desenvolver audiências específicas, como tornar o trabalho multidisciplinar ou como clarificar processos artísticos para audiências não educadas em arte.

Os artistas possibilitam uma compreensão maior de determinada questão social e aumentam a capacidade de discussão sobre certo assunto (BORGES, 2019). Essa conexão que surge do conceito de *ativismo* não se limita ao visual, assim como a arte não se limita a uma pintura, o design gráfico não se limita a uma ferramenta e nem a um espaço, como o de um museu.



Figura 12 "Defacement" de Jean Michel-Basquiat (1983)

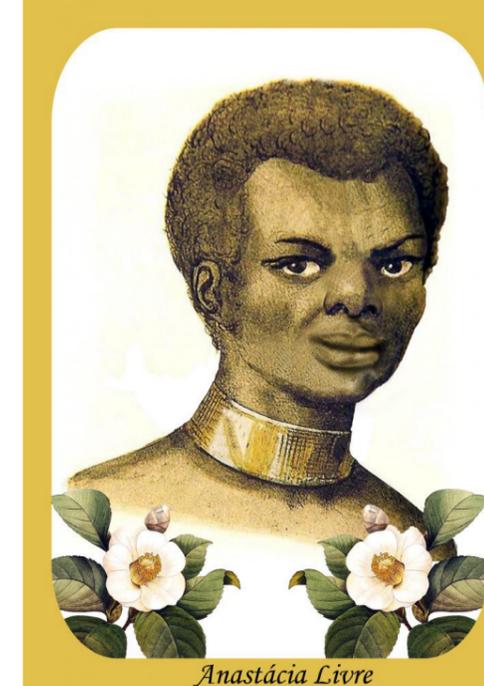


Figura 13 "Anastácia Livre" de Yhuri Cruz (2019)



Figura 14 "Algumas Pequenas Facadas" de Frida Khalo (1935)



Figura 15 "Bicicletas" de Ai Weiwei (2019)



Figura 16 "Quebrando o Vaso da Dinastia Han" de Ai Weiwei (1995)

O artista chinês Ai Weiwei é um dos grandes exemplos disso. Sua obra passa por diversos suportes gráficos, peças, materiais, plataformas etc, sendo apresentado nas ruas também (Figura 15 e Figura 16). Inclusive a arte de rua é um dos grandes exemplos de como podemos repensar a nossa sociedade e utilizar o espaço público para ter esse debate. Então, de maneira mais ampla é possível pensar no *ativismo* como:

Uma atitude, uma prática que existe nos limites férteis entre arte e ativismo. Ela surge quando a criatividade e a resistência se colidem. É o que acontece quando nossas ações políticas se tornam tão bonitas quanto poemas e tão eficazes quanto uma ferramenta perfeitamente projetada. (BORGES, 2019 *apud* JORDAN, 2016, pg. 97) (tradução livre)

A ponte entre arte e design, permite que possamos ver o designer gráfico também como *ativista* na medida que também participa da comunicação de informação que pode ser crítica de questões sócias, com caráter político, social ou econômico, empoderando a mensagem que pretende transmitir. Ou seja, o designer pode utilizar dessa ferramenta também, como foi visto em dois grandes momentos: na criação da identidade do Partido Panteras Negras, no trabalho de Barbara Kruger e na ONG Rede Nami.

## O PARTIDO DOS PANTERAS NEGRAS

A criação da identidade dentro do Partido Panteras Negras é um grande exemplo da arte gráfica e o design como forma de se conectar com sua comunidade. O partido surge junto ao movimento pelos direitos civis, nos anos 60/70, com o slogan *Black Power*. Ele tinha como objetivo se tornar um partido político independente que iria representar as vozes negras. Na busca por um símbolo que representasse visualmente esse partido, escolheram a Pantera Negra, o que teria muito significado, considerando que a maior parte do público era analfabeta.

Inicialmente, Stokely Carmichael, um dos principais organizadores do movimento, foi responsável pela propagação do logo como um símbolo do Partido Panteras Negras e do movimento *Black Power*. E esse símbolo foi desenhado pela designer Dorothy Zellner, que fez o grafismo de uma pantera com os dentes e garras à mostra. Depois de um tempo, foram feitas algumas alterações, passando pela mão de duas outras designers mulheres, Ruth Howard, responsável pelo acabamento, e também por Lisa Lyons que o adaptou para publicações e materiais impressos.

Esse exemplo não só mostra como se criou um símbolo tão marcante da resistência e da cultura negra, que até hoje inspira as pessoas, como no filme



Figura 17 Detalhe do interior de um panfleto para o Lowndes County Freedom Organization (1966)

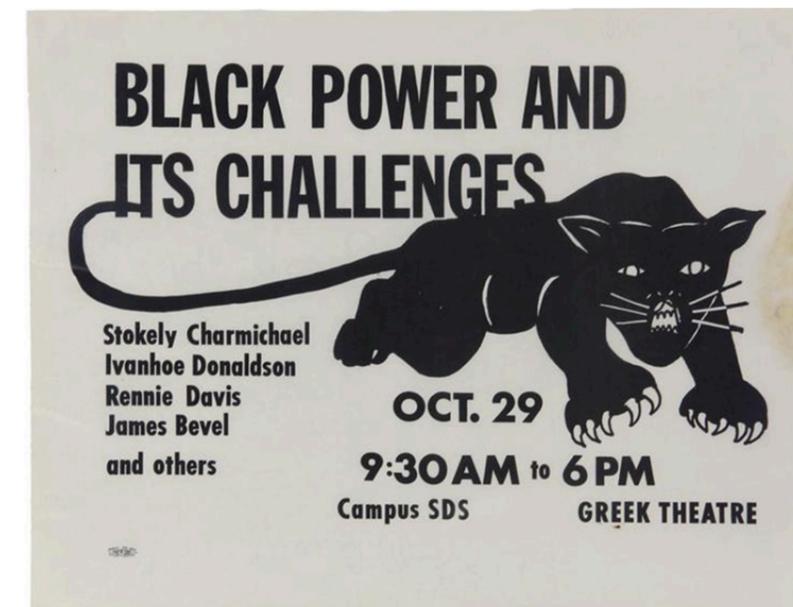
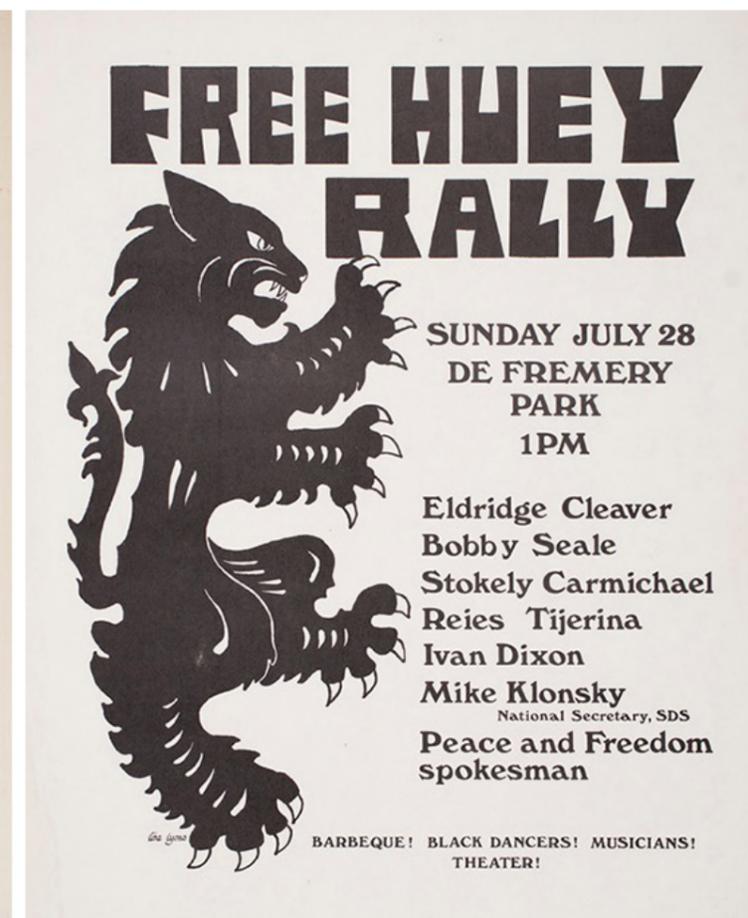
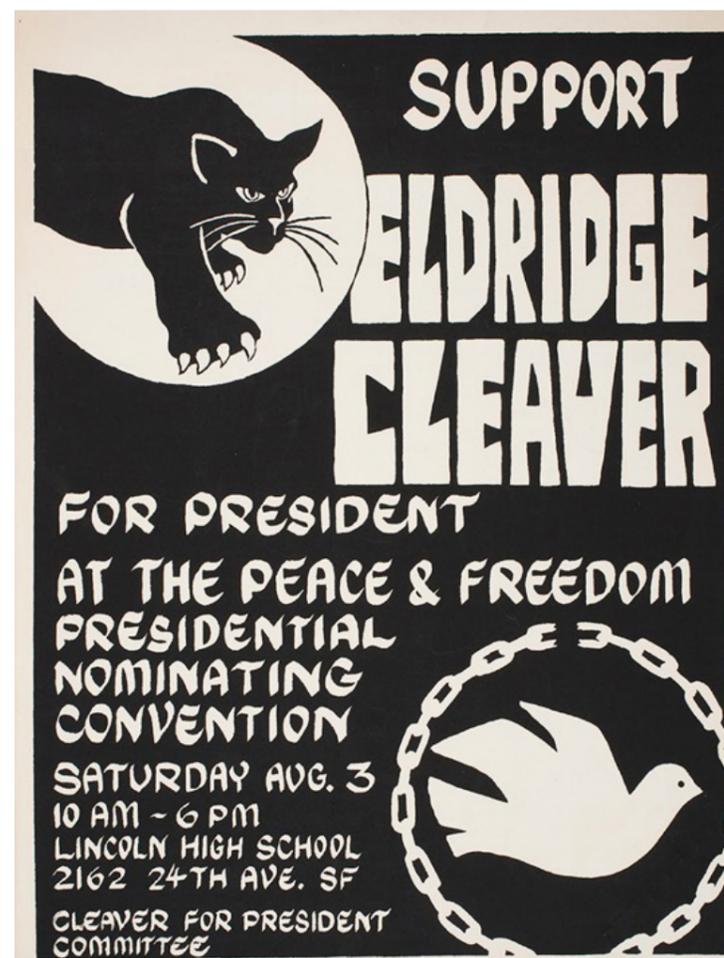


Figura 18 Pôster para a conferência "Black Power and its Challenges" na UC Berkeley, design de Lisa Lyons (1966)

Figura 19 ESQUERDA: cartaz para reunião para Eldridge Cleaver para presidente, São Francisco, 3 de agosto de 1968; DIREITA: passeata pela liberdade de Huey Newton, Oakland, 28 de julho de 1968



“Panteras Negras”. Mas também é um grande exemplo da atuação de designers mulheres, que contribuíram muito para o processo. (BORGES, 2019)

Em adição a isso, a produção gráfica dos Panteras Negras possui a liderança marcante de Emory Douglas, Ministro da Cultura do Partido de 1976 até seu fim, em 1980. Foi responsável pela parte gráfica do Jornal dos Panteras Negras (direção de arte, ilustração e design) (Figura 20, 21 e 22). No documentário **Emory Douglas: a Arte dos Panteras Negras** (2015) (Tradução Livre), o artista fala da história do Partido e de como começou o jornal.

A ideia inicial era informar, esclarece e educar as pessoas sobre os principais problemas na comunidade e contar a nossa história da nossa perspectiva. (...) Nós criamos uma cultura, a cultura da resistência, da provocação e auto determinação. (tradução livre) (EMORY....,2015)

Em diversos momentos de sua fala, vejo conceitos similares aos defendidos aqui. A arte de Emory Douglas fazia parte de um movimento social em busca de direitos civis, que sempre respeitava a comunidade. Criou uma comunicação muito poderosa. No fim do documentário, o artista fala sobre o poder da arte, sobre uma perspectiva que se alinha, não só ao conceito de *ativismo* apresentado neste projeto, mas também com as possibilidades do design alinhado à um propósito social.

O Partido não existe mais, mas deixou um exemplo para as pessoas se inspirarem. O programa social, poder usar a minha arte para esclarecer, para informar e para educar, tudo isso é parte do meu legado. Arte tem relevância, seja para te explorar, te pacificar ou para te esclarecer e te informar. É uma linguagem, esse é o poder disso. (tradução livre) (EMORY....,2015)

## BARBARA KRUGER

A designer gráfica e artista Barbara Kruger é um exemplo de como é fértil o cruzamento entre arte, design e ativismo. Em suas obras, a artista se dedica a temas como identidade, discriminação (tanto sexual quanto racial), capitalismo e seus sistemas de opressão, ou seja, elas refletem as suas convicções sobre os sistemas políticos e identidade. (BORGES, 2019)

Graficamente, suas obras possuem muita força e identidade, utilizando imagens em preto e branco, a fonte Futura em caixas vermelhas e mensagens com uma linguagem de humor e de provocação. Ela participou de diversos projetos, em marchas pelo direito da mulher (como **Your Body is a Battleground** para contestar o projeto de lei antiaborto) (Figura 19), sen-



Figura 20 “All Power to The People” (Todo o Poder às Pessoas) de Emory Douglas (1969)

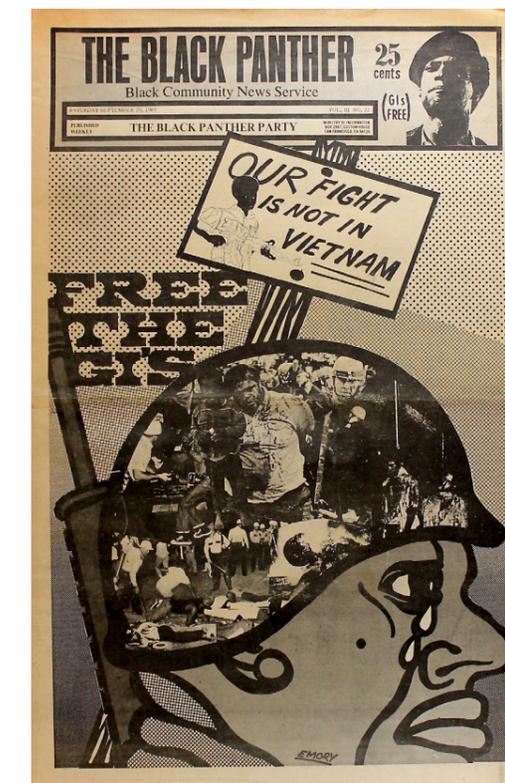


Figura 21 “Our Fight is Not in Vietnam” (Nossa luta não é no Vietnã) de Emory Douglas (1969)



Figura 22 “Afro-American Solidarity with the Oppressed People of the World” (Solidariedade Afro-americana às Pessoas Oprimidas do Mundo) de Emory Douglas (1969)



Figura 23 “Your Body is Battleground” (Seu corpo é um campo de batalha) de Barbara Kruger (1989)

Figura 24 Imagem que foi outdoor em São Paulo, feita por Barbara Kruger “Seu Corpo é um Campo de Batalha – Mulheres não devem ficar em silêncio” (1992)



do vista em cartazes, camisetas e inclusive outdoors, como no exemplo (Figura 20). A designer utiliza o design para converter em representações concisas, questões sociais complexas que persistem até hoje:

Eu penso que é importante para mim de alguma forma, através de uma coleção de palavras e imagens, de alguma maneira tentar imaginar objetivar ou visualizar – como me sinto às vezes estando viva nos dias atuais. (tradução livre) (BORGES, 2019 *apud* MITCHELL, 1991, pg. 99)

## REDE NAMI

Uma esfera que considero muito importante para o *ativismo* é a da coletividade e se relaciona especialmente ao modo como ele vem acontecendo recentemente no Brasil. O *ativismo* como prática, tem sido exercido no Brasil, possivelmente desde os anos 70, em coletivos de arte.

Mencionada por Vivian Martins e Gisela Belluzzo de Campos no artigo **Artivismo e Ativismo: Design Gráfico e Coletivos** (2020), o grupo de Colaboradores em Rede e Organizações (CORO, 2014) afirmou que

A compreensão do coletivo como fortalecimento de objetivos e potenciais, além da dissolução de problemas e divisão de etapas e mão de obra de trabalho, sem que com isso o individual se dilua, é o próprio desafio do homem global e sua prática na cultura contemporânea. Não se trata de massificação igualitária e utópica, mas igualdade de condições e possibilidades geradoras. É o coletivo que afirma a individualidade e a potencializa em direção a uma relação aberta com o mundo. (CORO, 2014 *apud* MARTINS e CAMPOS, 2020, p. 120)

Assim como dentro do ativismo e em todas as questões já mencionadas aqui anteriormente, é imprescindível participação do outro em sua construção. A ONG Rede Nami pode ser considerada um exemplo muito forte que conecta arte, coletivo e propósito.

Criado pela grafiteira Panmela Castro em 2010 (Figura 25), a rede tem como objetivo usar a “(...) arte como veículo de transformação cultural positiva através da promoção dos direitos das mulheres em específico pelo fim da violência doméstica.” (Site Rede Nami, 2018). É formado por um grupo de mulheres que usam a arte urbana como prática para mulheres conhecerem seus direitos e se empoderarem. Realizam diversos projetos, oficinas e exposições (Figura 26). Algo que se destaca no projeto mencionado, é a presença da arte gráfica como intervenção urbana, uma característica muito forte do *ativismo*:



Figura 25 Figura 21 Panmela Castro, fundadora e presidente da Rede Nami



Figura 26 Figura 22 Projeto “AfroGrafitteiras” iniciativa da Rede Nami

Os coletivos de intervenções urbanas tendem a se unir em práticas político-estéticas, em parceria a outras organizações sociais, ou não. A arte gráfica, por sua vez, realizada no âmbito do coletivo, pode ter seu potencial ampliado e mais potencialmente difundido, onde existir a circulação de mensagens, informação, conhecimento, experiências, a fim de gerar uma projeção intervencional construtiva da realidade. Intervenções urbanas em ocupações são ações realizadas para um fim específico e é primordial perceber que ações artísticas ocorrem, em grande parte, em ambientes públicos, assumindo a prática-político-estética como natureza do trabalho artístico coletivo e colaborativo. (CORO, 2014 apud MARTINS e CAMPOS, 2020, p. 120)

### 3.3.2 O Perigo de Uma Tendência

Ao longo da pesquisa, me deparei com um tópico relativo à uma situação atual e particular que vivemos em que muitas pessoas estão querendo ser ativos, protestar e ter sua voz ouvida. É um momento de diversos questionamentos dentro da sociedade e com as redes sociais a informação circula de maneira rápida e em grande fluxo.

Como consequências disso, surgem problemáticas como o Dinheiro Rosa<sup>2</sup>, se tratando de ativismo dentro uma sociedade capitalista. Isso acontece pelo fato de as pessoas buscarem em seu consumo, apoiar empresas que defendem uma causa que ela também defende. Diversas marcas, por exemplo, durante o Mês de Orgulho LGBTI+, se apropriam de um discurso de apoio, buscando agradar ao público e, assim, vender mais. “Há uma certa astúcia do capitalismo em conseguir pegar algumas questões particulares e apresentar como universais e, nessas dinâmicas de mercado que são o cerne do capitalismo, há também sempre esse processo de uma inclusão excludente.” (Huffpost, 2019) Para isso, é essencial entender não só como essa ação se desdobra além do discurso, mas tentar entender as sutilezas do ativismo em uma sociedade que se estrutura a partir do capital.

Vale apontar nessa discussão quais são os pontos positivos e negativos disso. Sim, atualmente se discute política e as pessoas desejam se posicionar, é interessante que as marcas estejam falando sobre o assunto. No entanto, é necessário entender que o ativismo pode vir atrelado a um discurso superficial, voltado somente para uma realização própria. Isso é visto não só no mercado, mas entre as pessoas também, especialmente nas redes sociais. Quem tem vivência, ao ser parte de uma minoria, por exemplo, possui uma fala marcada por uma história. O ativismo não existe para ser excludente, porém vale apontar a necessidade de escutar o próximo, de avaliar qual o papel do seu posicionamento e buscar entender as estruturas das quais estamos vivendo.

A expansão desenfreada do ego acompanha a prepotência e, as duas andam juntas nesse caminho onde tudo será feito para o bem da sobrevivência e harmonia dos dois, criando a perspectiva na cabeça de um indivíduo na qual seus posicionamentos, teorias, vivências estão acima de tudo e todos. Além do bem e do mal. Além de críticas e/ou sugestões. O que como reação em cadeia molda suas ações e no ponto principal abordado, em sua militância. (...) E se a nossa militância escuta e dá voz á apenas um ou escutamos unicamente nossa própria voz como exclusivos detentores da razão, há algo bem errado.” (Medium, 2018)

A exposição desse ponto de vista em relação ao ativista se mostrou pertinente, na medida em que, pessoalmente, também tive que passar por esses questionamentos. Levando em conta o conteúdo e a natureza desses questionamentos, que surgem a partir de uma vivência dentro da universidade, trago essas questões para que eles sejam envolvidos no processo de debate. Acredito que sim, o design ativista pode ser muito positivo, como ferramenta de diálogo, mas também entendo que seja pertinente mostrar as diversas perspectivas contemporâneas sobre o tema e suas armadilhas.

### 3.3.3 O Ativismo no Brasil e Suas Particularidades

Considerando que o ativismo é concebido de acordo com uma questão social, se mostrou necessário analisar o modo como a sociedade brasileira é estruturada em relação a esse tema. Por exemplo, voltando-se a uma análise de contexto, segundo uma pesquisa feita em 2017 da Skol em parceria com o IBOPE, **17% dos brasileiros se declaram preconceituosos, porém 72% admite ter feito comentários ofensivos.** A pesquisa analisou preconceitos relacionados ao machismo, homofobia, estético e racial, mostrando como ele está presente no dia a dia do brasileiro, principalmente com as falas. O machismo estaria presente em 99% do cotidiano dos entrevistados. Ou seja, ainda existe muita necessidade de diálogo e reconhecimento do preconceito dentro da sociedade brasileira.

Assim como foi defendido por Silvio Almeida, em relação ao racismo, essa diminuição dos valores em relação aos preconceitos gera consequências sérias na sociedade.

O fato de parte expressiva da sociedade considerar ofensas raciais como ‘piadas’, como parte de um suposto espírito irreverente que grassa na cultura popular em virtude da democracia racial, é o tipo de argumento necessário para que o judiciário

e o sistema de justiça em geral resista em reconhecer casos de racismo, e que se considerem racionalmente neutros. (ALMEIDA, 2018, p. 59)

Atualmente, frases como *Geração Mimimi* são utilizadas para julgar esse novo posicionamento mais ativo dos jovens que não estão mais aceitando esses tipos de discursos e buscam quebrar esses hábitos preconceituosos. O reconhecimento dos preconceitos em nossa sociedade e como eles se articulam é um passo importante para que possamos pensar em como superá-los.

O conceito de interseccionalidade é muito importante para essa discussão. Ele surge dentro movimento feminista negro e dá nome a um estudo que avalia como os sistemas de opressão estão conectados.

Portanto, é de fundamental importância que o conceito de interseccionalidade seja considerado nas análises conjunturais para que sejam construídas práticas que visem o rompimento do padrão eurocêntrico. A educação descolonial e feminista, pode contribuir desse modo para “perturbar certezas, ensinar a crítica e a autocrítica (um dos legados mais significativos do feminismo), para desalojar hierarquias”. (LOURO, 2014, p. 128) (Justificando, maio, 2019)

Existe, na população brasileira, uma necessidade de reavaliar o modo como esse sistema se articula, mas também o modo como ele foi construído e velado por muito tempo. Muito do ativismo tem como proposta reavaliar uma estrutura naturalizada. Isso é visto em uma obra importante do artista Elias Andreato (já mencionado aqui), **A Verdade Ainda que Tardia** (2013)

Figura 27 Obra “A Verdade Ainda Que Tardia” Elifas Andreato (2013)



(Figura 23). Um painel que retrata a ditadura militar no Brasil, produzido para ficar exposto no Congresso Nacional.

Paulo Freire, no livro **Pedagogia do Oprimido** (1968), dispõe sobre como o silenciamento e desumanização são ferramentas de um sistema opressor, assim como uma educação denominada “bancária”, em que o conhecimento é tido como um depósito, passado de mão em mão, por gerações. Freire propõe uma visão de educação que liberta desse sistema, cuja essência principal é o diálogo, como ação e reflexão.

Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressente, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Esta é a razão porque não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante constitua. (FREIRE, 1987, pg. 77)

### 3.4 Apontamentos

Considero essa análise importante para o entendimento do tema. Um conceito tão vasto e complexo tal como *design ativista* requer uma investigação sobre diversas outras temáticas análogas, especialmente tratando-se do contexto acadêmico. É nítida a necessidade de estudar diversas questões, desde mais macro até mais específicas, com temas de educação, o papel do design, arte e até sobre o ativismo em si, para entender a complexidade do assunto e tentar evitar *lugares comuns* na discussão.

Outra consequência desta análise foi a identificação da necessidade de mais vozes discutindo assuntos, servindo de base para as etapas seguintes da projeto, como na pesquisa de campo e no projeto final.

## 4. Pesquisa de Campo

Ao longo da pesquisa, definiu-se que esse trabalho deveria incluir as pessoas presentes na comunidade da ESDI, seu público alvo principal. Assim, o projeto deve incluir a possibilidade dessas pessoas mostrarem suas visões em relação ao tema.

### 4.1 Levantamento de dados

Foram realizados dois tipos de levantamento de dados dentro da universidade, um **qualitativo** e outro **quantitativo**. Cada um serviria para seu propósito investigativo. Esse momento de contato é importante para o tema, tendo em vista que iria validar ou não certas questões envolvidas na pesquisa e também acrescentar outras perspectivas que não haviam sido consideradas até então.

#### 4.1.1 Entrevistas

O primeiro foi realizado por meio de uma entrevista com o aluno recém-formado da ESDI, José Eugênio Andres. Seu Trabalho de Conclusão de Curso, o **Projeto Eu, Cotista**, teve grande influência nesta investigação, então buscou-se entender melhor quais temas, conteúdos, motivações surgiram para o projeto, além de conhecer a perspectiva dele em relação ao tema.

Foram feitas as seguintes perguntas:

- **Em relação ao seu trabalho:**
  - Como foi o processo?
  - O que te levou a trabalhar com o tema de Cotas?

Como foi a respostas de pessoas terceiras em relação ao seu trabalho?

- **Na época que estudava na ESDI, você discutia temas como política, sociedade etc? Em que espaços essas discussões surgiam?**
- **Como você vê a relação entre o design e o ativismo?**

Durante a conversa, muitos tópicos foram abordados, de modo a enriquecer a pesquisa e entender as visões de outra pessoa e relação ao tema.

Em relação à primeira pergunta, sobre a trajetória do projeto de Trabalho de Conclusão de curso, foi muito importante a discussão sobre duas questões. A primeira é a conexão com tema, que se relaciona bastante com o próprio conceito de ativismo que tenho visto ao longo da pesquisa. A vivência foi um conceito muito importante para a construção do seu trabalho e acredito que para o meu também.

A segunda questão notada foi em relação à proposta de utilizar um projeto para gerar empatia. Quando se trata de questões sociais, existem duas possibilidades. Podem ser utilizados *dados*, que geram uma análise mais geral de uma situação ou *depoimentos ou histórias pessoais*, seguindo uma perspectiva mais específica. Considerei essas possibilidades de abordagem, tanto na pesquisa de campo, quanto no projeto gráfico final.

Quando é abordado o tema da vivência acadêmica, da segunda pergunta, foi afirmado que a universidade havia passado por um período de transição. Por muito tempo certas discussões não aconteciam dentro da universidade, principalmente sobre diferentes possibilidades do design. Isso me ajudou a entender um pouco mais sobre o panorama da ESDI. Essas questões também foram abordadas no questionário.

Sobre a última questão, em relação ao design e ativismo, foi discutido um aspecto do design que havia se tornado um incômodo pessoal ao longo da pesquisa. Frequentemente, quando designers lidam com temáticas tal como ativismo, o resultado final se torna uma ação pretensiosa e rasa. Ou seja, o designer se torna resolvidor de um problema do qual, muitas vezes, não busca entender por completo. O que pode gerar uma grade insatisfação naqueles que estão de fato muito próximos à questão. O autocuidado também foi um conceito que citado na conversa que irei abordar nas próximas etapas. Trechos da entrevista estão em anexo no fim do relatório (Apêndice 1).

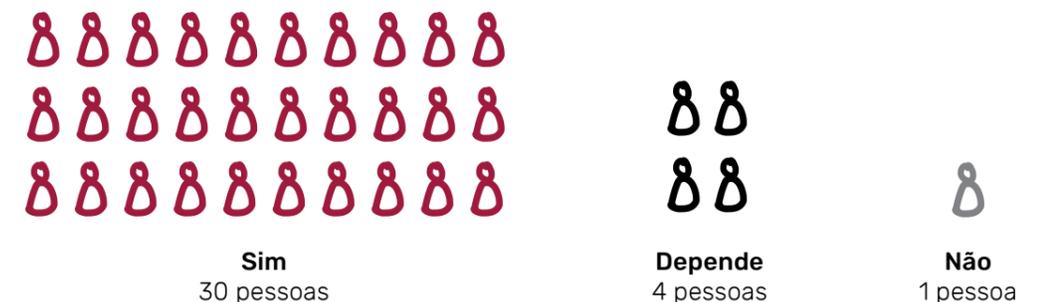
## 4.1.2 Questionários

Para a investigação quantitativa utilizei a ferramenta do *Google Forms*. Formulei em perguntas que poderiam ser respondidas por qualquer pessoa que havia passado pela ESDI. O conteúdo do questionário está anexado nesta pesquisa (Apêndice 2).

A construção de um questionário se mostrou muito importante para o entendimento de algumas dimensões da pesquisa. Obtive 35 respostas, com pessoas que passaram pela ESDI em momentos diversos (eram ex-alunos, alunos de mestrado e doutorado), porém a sua maioria era de alunos mais recentes.

Foi importante entender, ao longo do tempo, como essas temáticas apareciam na ESDI. Segundo os alunos mais antigos, raramente se falava sobre questões sociais, enquanto os alunos de turmas mais recentes indicavam que isso era visto em salas de aula com a escolha de projetos. Além disso, foi importante saber em que espaços as pessoas se conectavam com questões sociais, as respostas foram muito plurais, indicando que essa temática pode ser vista de diversas formas. Alguns exemplos das respostas:

**Você acha que o design pode contribuir para a busca por mudanças sociais, etc?**



**Ao longo da sua trajetória da ESDI, você entrou em contato com essas questões?**



**Se sim, esse contato ocorreu em qual "espaço"**  
(mais de uma opção por pessoa)



Em conversas com outros alunos - 27 pessoas



Em aulas - 20 pessoas



Em eventos de design - 19 pessoas



Em conversas com professores - 12 pessoas



Não tive - 2 pessoas



Em pesquisa e extensão - 2 pessoas



Somente no LaDa (Laboratório de Design e Antropologia da ESDI) - 1 pessoa



Participando do Movimento Organizado de Estudantes - 1 pessoa



Na Ação, Espaços de Construção Concretos (Opondo à Pontualidade de Conversas e Eventos) Proposta Pelo Corpo Discente - 1 pessoa



Em palestras- 1 pessoa



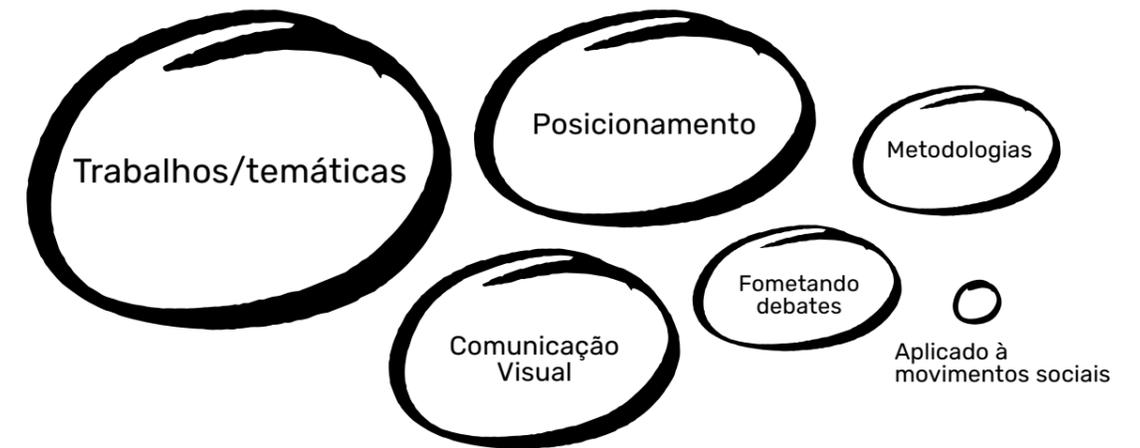
Ocupação - 1 pessoa



Aula Externa e a Partir de Pesquisa de Referências de Artistas Ativistas, como Barbara Kruger - 1 pessoa

No momento de comentário sobre qual o lugar onde as temáticas em relação à transformação social apareciam na ESDI, as respostas foram bem diferentes, o que me leva a pensar na pluralidade do ativismo e como ele se conecta com as pessoas e mais sobre como ele pode conectar ainda mais.

**Se sim, de que forma você acha que isso pode acontecer?**  
(por exemplo, por meio de temáticas, propostas de trabalhos, etc)



Na última pergunta, onde deixo um espaço livre para comentário sobre o tema, as respostas foram mais diversas. Muitas falas eram de frustração e desesperança, outras traziam situações específicas que surgiram ao longo de seu tempo na ESDI. E muitos falavam sobre as mudanças atuais na sociedade e como atualmente esses temas estão sendo discutidos, mas que ainda é necessário muito mais debate.

Palavras mencionadas nas respostas da pergunta:  
Se tiver interesse, comente mais sobre o assunto

**Descrença** **Diversidade**  
**Esperança** **Preocupação** **Projeto**  
**Otimismo** **Impacto** **Vivência**  
**Alienação**

## 5. Reflexões

### O (NÃO TÃO) NOVO “NORMAL”

Durante a realização deste trabalho, a partir de março de 2019, o mundo deparou com a pandemia da COVID-19. Como consequência, grande parte da população passou a fazer parte de um isolamento social e a realizar seus trabalhos de forma remota. Como este trabalho está diretamente atrelado a um contexto social presente, a pandemia trouxe novas perspectivas e novos desafios ao seu desenvolvimento.

Mesmo com esse novo cotidiano em que outras prioridades surgem a nossa frente, os motivos pelos quais movimentos sociais existem, a busca por direitos é algo que não só permanece, como se acentua. Casos de racismo e violência policial continuam sendo notícia e ocorrem diariamente no Brasil. Além disso, segundo dados do TJRJ, **houve aumento de mais de 50% no número de denúncias de violência doméstica desde que o isolamento começou apenas no Rio de Janeiro** (GLOBO, 2020).

Os problemas que nos assolam antes como sociedade, continuam a ocorrer, é uma questão de se adaptar às mudanças da nossa realidade e entender como podemos atuar em relação a eles, especialmente com o ativismo. São nesses momentos que entendemos de fato o papel de uma liderança e de uma representação. Ou seja, se inicialmente tudo parece estagnado, na realidade, é possível enxergar com mais nitidez os desafios da nossa sociedade e como é possível unir forças frente a esses desafios.

A crise da Covid-19 e sua capacidade de colocar em evidência a estrutura intrinsecamente ligada de todas as formas de opressão poderia nos ajudar a nomear os contornos de um novo sujeito revolucionário planetário para o qual as formas de

opressão baseadas em raça, sexo, classe ou deficiência não se opõem umas às outras, mas se entrelaçam e amplificam. (Medium, 2010)

Um grande aliado nessa comunicação interpessoal em um momento com esse é a internet, com suas redes sociais, suas ferramentas de pesquisa e janelas de conversas. O gráfico do *Google Trends* mostra que nos últimos meses se aumentou o número de pesquisas relacionadas ao ativismo, especialmente *ativismo em/nas redes sociais*. Existe uma questão muito discutida em relação a isso, chamado de *ativismo de sofá*.

Antes, um termo usado para criticar certas ações em relação ao ativismo que não envolviam a presença física da pessoa, destacando a necessidade de se estar presente. No entanto, como defendido pela Alessandra Orofino, no *podcast O tempo Virou* (2020), é possível sim, ver muito valor nesse tipo de ativismo nas redes sociais, especialmente nesse momento em que o único tipo de articulação possível é por meio da internet.

A internet pode ser um palanque de opiniões, mas pode ajudar certas pessoas a entrarem em contato com o ativismo. É mais fácil de se conectar com os outros e criar pontes, por exemplo, com petições, e-mails, mas também com organização de eventos presenciais. Ela ajuda na articulação. (OROFINO, podcast O Tempo Virou, 2020)

Como designers, devemos entender como conviver com esses novos desafios e, dessa forma, entender como estes conceitos farão parte da pesquisa.

## **O IMPACTO NA TRAJETÓRIA DO TRABALHO**

Anteriormente, o conteúdo desta investigação estava organizado na direção de realizar conversas, debates que seriam realizados ao vivo, na própria ESDI. Tendo em vista essas mudanças promovidas pela pandemia, que envolvem isolamento social como medidas sanitárias, foi necessário rever o modo de realização e organização para expor o conteúdo proposto aqui.

A proposta inicial do evento permanece, no entanto, foi necessário identificar os parâmetros novos para a realização dessa discussão. Foi necessário partir para uma nova fase de pesquisa de referências, em relação às novas formas de atuação durante esse momento, para um modo online e remoto.

## 6. Diretrizes do Projeto

### 6.1 Valores norteadores

Com base no resultado da fase de pesquisa, foram definidas diretrizes para orientar a elaboração da proposta, para serem lembradas ao longo do processo e reavaliadas no final, caso sejam concretizadas ou não.

#### **INSTIGAR O DEBATE**

Gerar uma visibilidade que exponha diversos pontos de vistas

#### **IMPACTO VISUAL**

Utilização de recursos visuais que reflitam a intensidade do tema geral

#### **COERÊNCIA GRÁFICA**

Uniformidade visual, para que todo o material seja coerente em conjunto

### 6.2 Público

O público do projeto é formado especialmente por designers em formação, de preferência os que ingressaram recentemente no ensino superior. Tendo em vista essa mudança de paradigmas, no momento do evento, o público se tornou mais abrangente. Inclusive devido ao tema e à necessidade de debate de ser mais aberto, que inclui questões sociais, em relação aos ativismos, o evento estava aberto à todos os interessados no assunto.

## 6.3 Proposta

Creio que ao buscar entender a natureza do ativismo, principalmente dentro do design, cheguei a um entendimento de que não existe uma maneira ideal e absoluta de ser ativista, muito menos um designer ativista. Porém cheguei à conclusão que certas posições são necessárias para explorar esse novo conceito. A proposta de trabalho visual é também de gerar uma discussão sobre o tema, envolvendo mais pessoas no processo, agora de forma remota.

Assim, o trabalho final se dividiu em três momentos:

### APRESENTAÇÃO

Para esse primeiro momento, organizei um conteúdo que será apresentado no início do evento. Ele introduz o assunto para o público e propõe um questionamento em seu final.

### EVENTO

Em seguida, organizei o evento online para discutir o tema com diversas pessoas. Nele, apresentarei o material preparado no momento anterior, para em seguida acontecer um bate papo com os convidados e público.

### VISUALIZAÇÃO

Após essas etapas, irei planejar uma articulação visual com os diversos dados obtidos ao longo do projeto, desde a pesquisa de campo até o momento do bate papo, utilizando a *Instagram* como ferramenta.

## 6.4 Denominação do projeto

Especialmente para a apresentação e realização do evento tive que pensar em uma denominação de modo que resumisse o tema ao mesmo tempo que chamasse a atenção do público na divulgação. Por fim escolhi o nome “Design e Ativismos: a construção do olhar”, que seria usado nessas etapas.

A escolha por “Design e Ativismos”, fez sentido pois resume o bate papo em dois temas principais, de modo que público pode criar um interesse por algum tipo de familiaridade ou curiosidade. A palavra “Ativismos” está em plural, pois já presume que não é único, que inclui diversas vozes e visões.

Em seguida, “a construção do olhar” se relaciona mais ao conteúdo que será exposto durante a apresentação, de algo que será um processo de entendimento pessoal, será construído, não é já entendido como “pronto” ou já estabelecido.

## 6.5 Pesquisa Visual

Para a criação das diversas peças, foi realizada uma pesquisa de outras peças/projetos similares com características pontuais que influenciaram a construção da identidade visual e organização do projeto final.

### EMICIDA

Em relação ao material produzido pelo artista, o que gerou inspiração para o projeto foram as peças da sua conta nas redes sociais do *Instagram*, publicadas no ano de 2019, junto ao seu novo CD “AmarElo” (Figura 28).

Este último, por si só, é uma grande influência pelas temáticas trabalhadas, porém o material gráfico publicado neste período possui elementos de recorte, colagem, textura nas imagens e continuidade entre as postagens que busquei reproduzir nas peças que criei, especialmente para a última articulação.

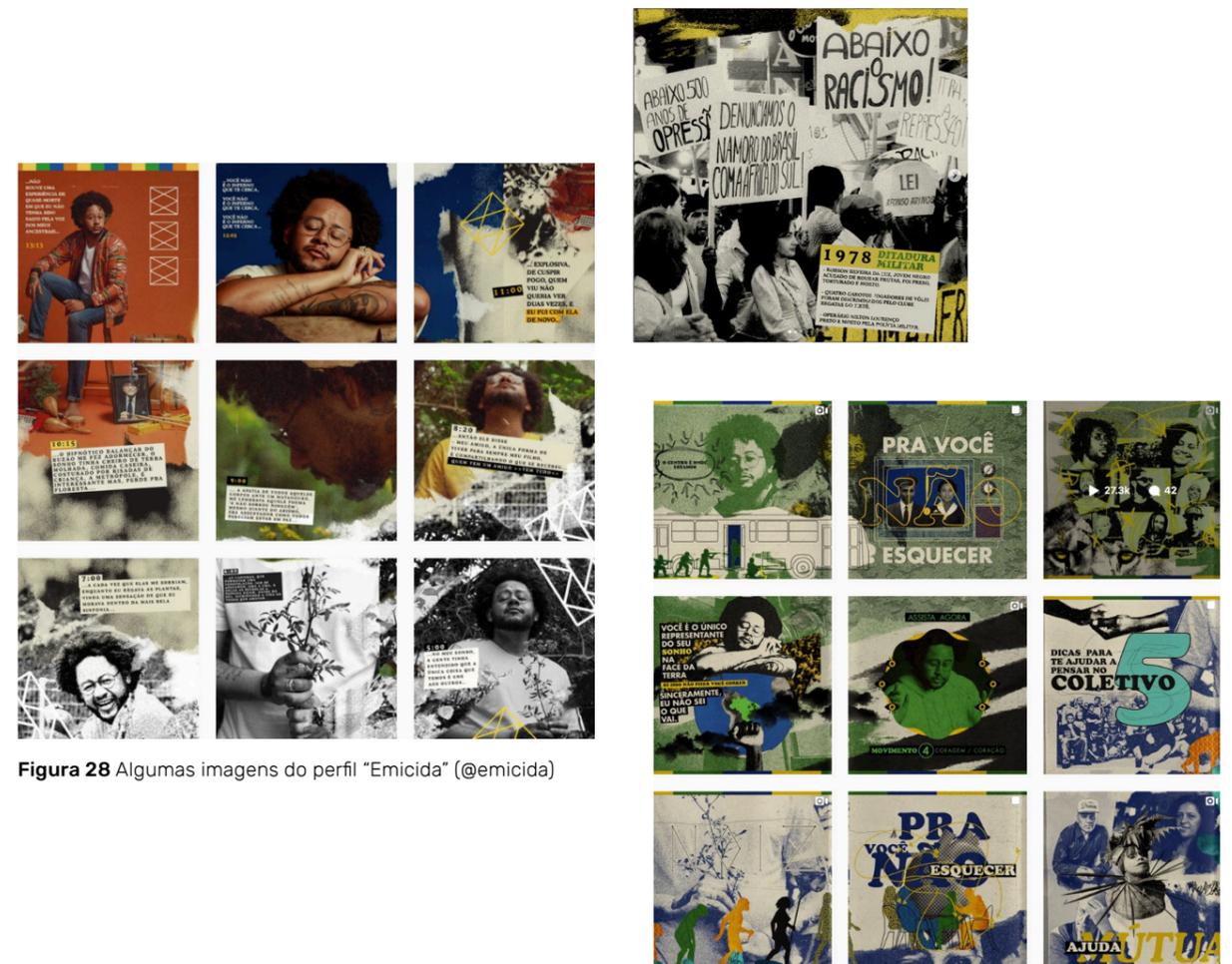


Figura 28 Algumas imagens do perfil “Emicida” (@emicida)

## SONHOS DE COLONIZAÇÃO, YVON LANGUÉ

O projeto "Sonhos de Colonização", de Yvon Langué em exposição na Mostra de Artes Visuais no Marrocos (2019). Com essa visualidade, o artista buscou recontar a história da Conferência de Berlim (1884-1885), em que aconteceu a partilha da África. A cada quadro, é explicada uma questão em relação ao tema, por exemplo, os motivos para a separação, qual população sofreu mais com o genocídio, o que cada país esperava ganhar com a partilha e o que acabou ganhando.

O trabalho me inspirou muito pois é uma grande exemplo do que articulei ao longo desta investigação. É um design feito por um artista negro, revendo uma situação marcante da história negra e utilizando ferramentas de visualização de dados (Figura 29).

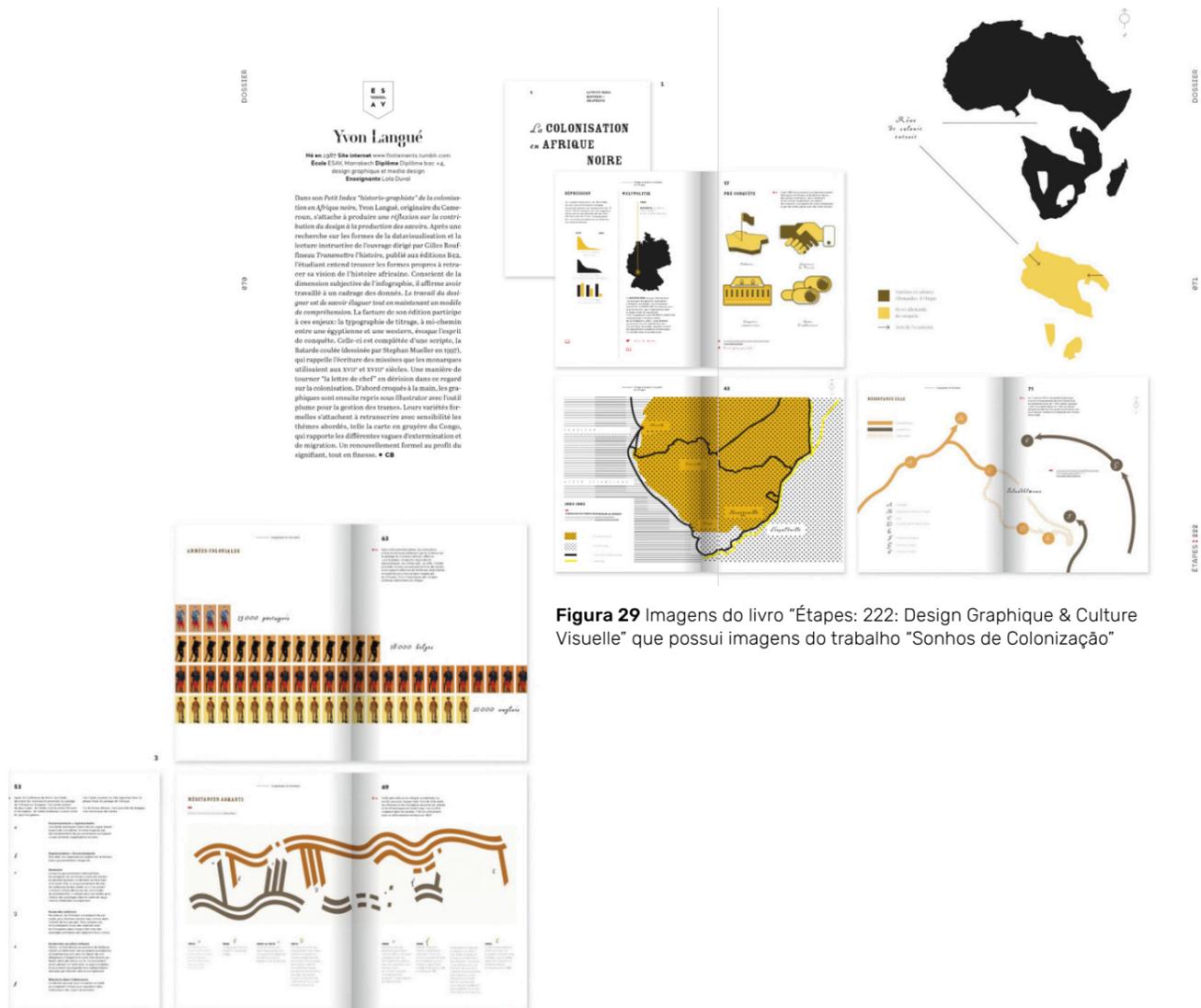


Figura 29 Imagens do livro "Étapes: 222: Design Graphique & Culture Visuelle" que possui imagens do trabalho "Sonhos de Colonização"

## GEORGIA LUPI

A designer Giorgia Lupi propõe uma nova visão em relação ao modo como organizamos dados. Em seu manifesto (Figura 30) propõe que a informação seja uma ferramenta para contar uma história, propondo que os dados não separem e sim unam as pessoas. A sua visão de como transformar os dados me inspirou a tentar criar uma narrativa ao longo do projeto.

Além disso, ao criar uma visualização de dados (Figura 31), a designer se preocupa muito em planejar o modo como ela irá explicar a conexão entre os dados e o modo como ele se organiza. Especialmente, para as última etapas, também precisei estar atenta à essas questões.

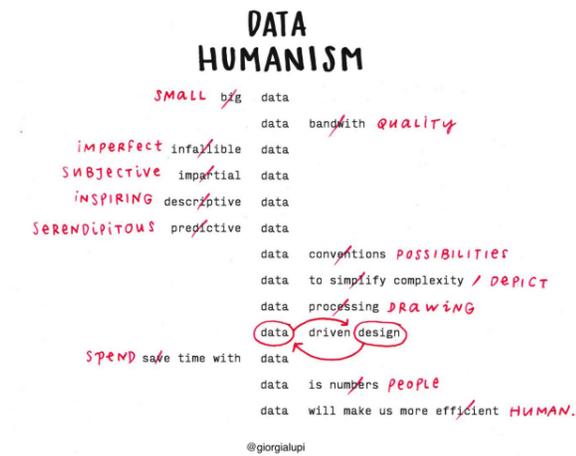


Figura 30 "Data Humanism" de Giorgia Lupi (2017)

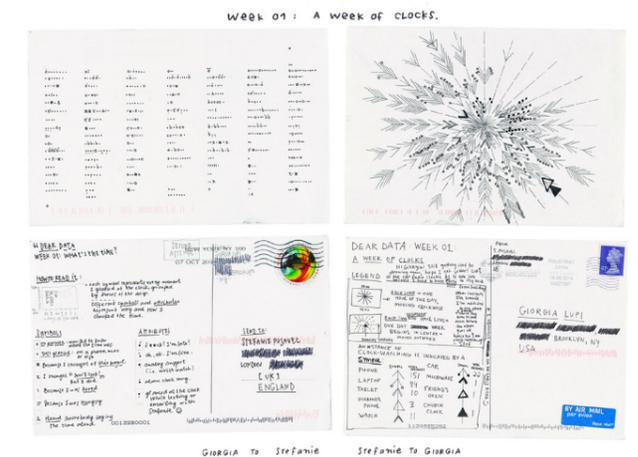


Figura 31 Arte do projeto "Dear Data" de Giorgia Lupi (2017)

## REVISTA QUEIMADA

A revista **Queimada** surge em 2020 com uma proposta inovadora de produzir um material textual pensado exclusivamente para a plataforma de rede social *Instagram*. Escrita somente por mulheres, especialmente para o período da pandemia de 2020, a revista se organiza entre o conteúdo e a plataforma, além dos traços utilizados nas ilustrações, com linhas imperfeitas e com traços bem “manuais” inspiraram o trabalho.

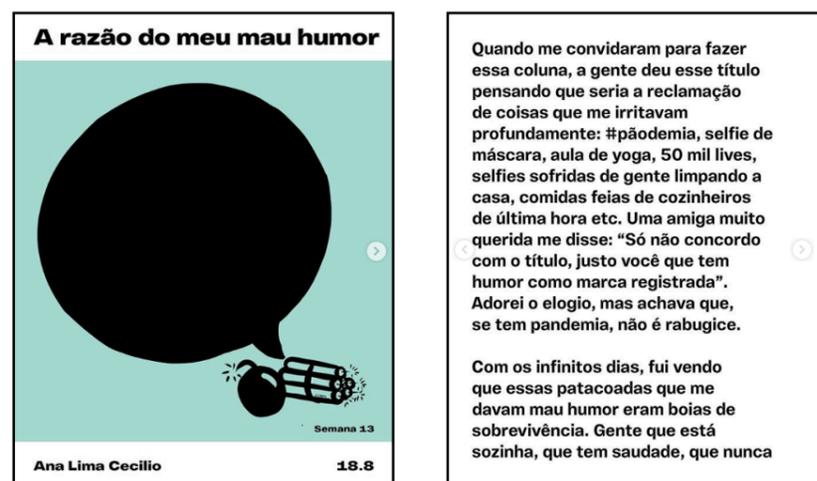
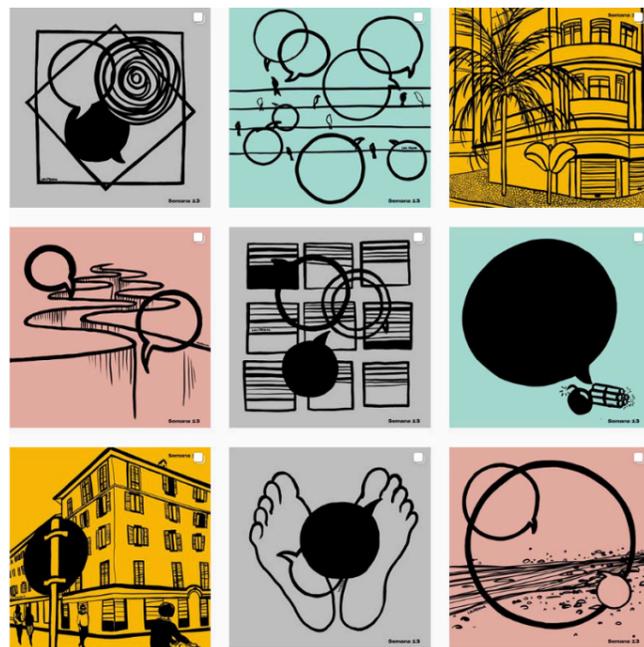


Figura 32 Algumas imagens do perfil “Revista Queimadas” (@\_queimadas)

## “I AM A MAN”

Como inspiração tipográfica do nome principal do projeto, utilizei o cartaz “I AM A MAN” da greve sanitária de Memphis, nos EUA, em 1968, foi um grande movimento civil que marcou a história. Possui uma identidade marcante com a fonte dos cartazes, por isso utilizei uma tipografia geométrica, sem serifa e mono-espçada (Figura 33)

Também é um exemplo inspirador de uma identidade foi utilizada por um grupo enorme de pessoas, organizadas, lutando por uma causa em comum. Como busquei explorar neste projeto essa conexão entre movimentos sociais e o design gráfico, este exemplo é bem significativo.

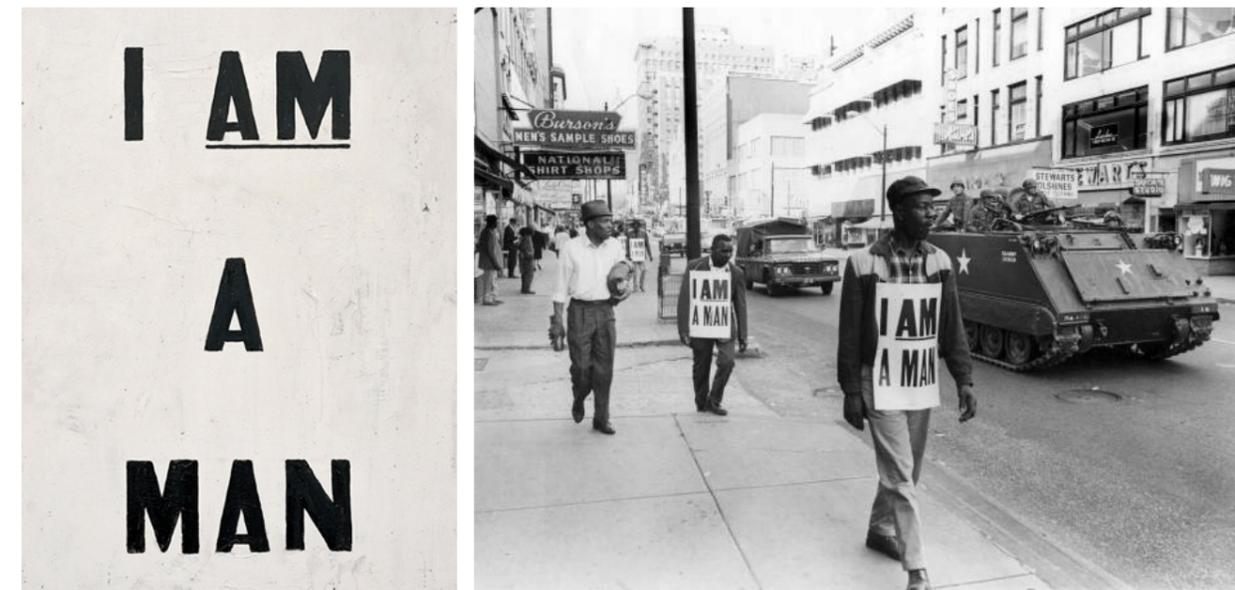


Figura 33 Cartaz “I Am A Man”

## 7. Projeto Gráfico

### 7.1 Identidade Visual

Foram criados parâmetros para a identidade utilizada em todas os materiais criados. A seguir, os parâmetros escolhidos serão explicados.

#### 7.1.1 TIPOGRAFIA

Para tipografia principal, utilizei a fonte Balboa. Por ser uma fonte similar à inspiração mencionada anteriormente, ter um formato mais reto, geométrico e sem serifa. É uma fonte com um aspecto muito forte, que produz o efeito planejado nas peças. Foi utilizada principalmente nos títulos e na logo criada para o projeto. A fonte pode ser encontrada no Adobe Typekit (link ativação: <<https://fonts.adobe.com/fonts/balboa#details-section>>).

#### **BALBOA**

**Aa** Condensed  
abcdefghijklmnop  
opqrstuvwxyz  
0123456789

**Aa** Ultralight  
abcdefghijklmnop  
opqrstuvwxyz  
0123456789

**Aa** Light  
abcdefghijklmnop  
opqrstuvwxyz  
0123456789

**Aa** Medium  
abcdefghijklmnop  
opqrstuvwxyz  
0123456789

**Aa** Bold  
abcdefghijklmnop  
opqrstuvwxyz  
0123456789

Para uma tipografia de apoio nas apresentações e peças de divulgação, foi utilizada a fonte Chaparral Pro. Como os textos eram maiores, essa fonte foi escolhida para criar contraste com a Balboa. Possui serifa e tem formato mais arredondado. Geralmente era utilizada no peso *light*. A fonte pode ser encontrada no Adobe Typekit (link ativação: <<https://fonts.adobe.com/fonts/chaparral>>).

## CHAPARRAL

**Aa** Light Display  
 abcdefghijklmn  
 opqrstuvwxyz  
 0123456789

**Aa** Semibold Subhead  
 abcdefghijklmn  
 opqrstuvwxyz  
 0123456789

**Aa** Semibold Display  
 abcdefghijklmn  
 opqrstuvwxyz  
 0123456789

**Aa** Bold Display  
 abcdefghijklmn  
 opqrstuvwxyz  
 0123456789

Na última etapa de produção, em que usei a ferramenta de rede social *Instagram*, foi utilizada também a fonte Rubik (aplicada também ao longo deste relatório). Essa fonte foi escolhida para esse sistema, pois possui similaridades entre as duas anteriores. É uma fonte sem serifa, porém de formato mais arredondado e com muitas variações de peso (inclusive itálico). Funciona melhor para textos mais corridos que utilizei nas peças finais. A fonte pode ser encontrada no Adobe Typekit (link ativação: <<https://fonts.adobe.com/fonts/rubik>>).

## RUBIK

**Aa** Light  
 abcdefghijklmn  
 opqrstuvwxyz  
 0123456789

**Aa** Regular  
 abcdefghijklmn  
 opqrstuvwxyz  
 0123456789

**Aa** Medium  
 abcdefghijklmn  
 opqrstuvwxyz  
 0123456789

**Aa** Bold  
 abcdefghijklmn  
 opqrstuvwxyz  
 0123456789

**Aa** Black  
 abcdefghijklmn  
 opqrstuvwxyz  
 0123456789

## 7.1.2 Logotipo

Inicialmente, foi criado um logotipo para ser usado nos material de divulgação do evento, utilizando o nome do projeto. Inspirados no cartaz "I AM A MAN", as palavras principais "Design" e "Ativismos", estão em destaque, em caixa alta, centralizadas e entremeada por duas linhas.

bate-papo  


---

**DESIGN<sup>E</sup>**  
**ATIVISMOS**  


---

 a construção do olhar



Figura 34 Cartaz "I Am A Man"

Para outras peças, também foi criada uma versão da assinatura sem a descrição do evento e outra em horizontal para ser utilizado em peças posteriores. Foram feitas mudanças no pesos das linhas, já que as logos poderiam ser usadas em peças menores.

**DESIGN<sup>E</sup>**  
**ATIVISMOS**  
 a construção do olhar

**DESIGN<sup>E</sup> ATIVISMOS**  
 a construção do olhar

### 7.1.3 Paleta de Cores

Para as cores do projeto, o tom principal escolhido foi um tom de rosa escuro, além do preto, branco e tons de cinza. O objetivo era que o material não fosse muito colorido e sim, que fosse mais sóbrio, nesse sentido, com menos opções de cores.

#### Cor Principal

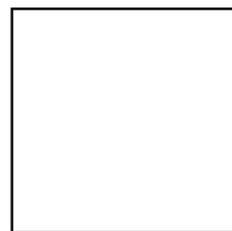


**C** 26    **R** 159  
**M** 100    **G** 26  
**Y** 69    **B** 61  
**K** 19  
**HEX #9F1A3D**

#### Cores Secundárias



**C** 75    **R** 0  
**M** 68    **G** 0  
**Y** 67    **B** 0  
**K** 90  
**HEX #000000**



**C** 0    **R** 255  
**M** 0    **G** 255  
**Y** 0    **B** 255  
**K** 0  
**HEX #FFFFFF**

Para criar opções mais diversas, as cores foram sobrepostas tanto entre si, mas especialmente sobre as diversas imagens que os material iriam utilizar. Assim, outros tons da cor principal surgem ao longo das peças.

Já em outros materiais, a combinação de cores criou padrões para sua utilização também ao ser utilizado em títulos e caixas de texto.



### 7.1.4 Elementos

Para pensar a identidade visual do material que será produzido, busquei incluir alguns elementos que me auxiliaram na organização do conteúdo.

#### LINHAS E ELEMENTOS RETANGULARES

Ao longo dos materiais, foram utilizados caixas e linhas retas pelo texto, que permite uma maior variação de elementos, como os títulos, e para ajudar a organizar o espaço nas telas. Esses objetos devem ser usados de forma disruptiva, ou seja, que provoque um movimento nas peças, sem estar alinhadas entre si.

#### ÍCONES

Especialmente para a última etapa foram utilizados ícones em momentos pontuais para dar apoio visual ao conteúdo. Os ícones possuem uma estética específica, como se tivessem sido feitos manualmente, possuindo certas irregularidades. Foram importantes para ilustrar momentos de explicação e instrução.

#### TEXTURAS E ELEMENTOS QUE SIMULAM O ANALÓGICO

Muito das referências analisados neste projeto, especialmente cartazes, possuem elementos que incluem características "físicas", como algumas falhas, texturas, marcas de caneta etc. Portanto, assim como nos ícones mencionados anteriormente, os elementos gráficos que irão ilustrar os materiais possuem essas mesmas características.

#### IMAGENS

Para ilustrar o material, se mostrou pertinente incluir diversas imagens ao longo da apresentação, para exemplificar e conectar visualmente o texto, dado ou fala. Elas receberam o mesmo tratamento, somente com escalas de cinza e com filtros de pixelização e pequenas falhas, para que fiquem semelhantes umas as outras.

## 8. Detalhamento do Produto

Uma vez estabelecido alguns parâmetros, foi iniciado o processo de realização e criação das etapas que formam o projeto final, são elas: a **apresentação**, o **evento** e a **visualização**. Como estabelecido ao fim do aprofundamento teórico e pesquisa inicial, era preciso incluir mais pessoas na construção deste debate. Assim, cada etapa seguinte foi pensada com este propósito. A apresentação será usada no evento e os dados obtidos destas diversas etapas irão ser trabalhados em uma visualidade posteriormente.

### 8.1 Apresentação

A apresentação, exibida no início do evento, tem como objetivo específico explicar, de maneira resumida, o trajeto da pesquisa e dar início à conversa. Ao planejar o conteúdo apresentado, foi importante organizar um roteiro de fala que levasse o participante a entender o tema ao mesmo tempo que se conecte com ele.

No início da apresentação (Figura 35), explico como o contexto político e os questionamentos sobre o posicionamento do design em relação a ele me influenciaram a investigar mais os temas de design e ativismo, que estavam surgindo nas redes sociais e conversas (Figura 36).

Em seguida, explico como ele afetou o meu redor, em especial o ambiente em que estudo design e que por conta disso fez sentido em apresentar ele como um campo de análise para a aproximação destes dois conceitos. Estabeleci alguns princípios que considere relevante no momento, o primeiro deles foi o da neutralidade no design e como ela não existe, propondo ao

pensamento de que tudo o que produzimos é subjetivo. A seguir indico que, considerando a subjetividade do design gráfico, era necessário questionar o que significaria um design chamado de "ativista".

Como resgate histórico, aponto que ele foi usado ao longo da história, em diversas vezes como ferramenta visual com um uso específico, como em movimentos sociais, para apoio à temáticas políticas ou como símbolo de uma causa (Figura 37). Afirmo que, se essa conexão pôde ser vista em outros momentos, como poderíamos pensar em sua construção, como projeto de design.

Utilizo um conceito apresentado como "Visão de Mundo", inspirado no conteúdo da designer Terry Irwin em sua palestra **Design a Worldview for Social Impact** (Projetando Uma Visão de Mundo para Impacto Social - tradução livre) (2012), em que a designer menciona a visão de mundo como um ponto de partida para o autoconhecimento não só em relação à você mas ao mundo à sua volta.

Concluo que este conceito se conecta com uma ideia inicial de ativismo e do uso de questionamentos pessoais como ponto de partida na construção de um design para fins ativistas (Figura 38). Como exemplo, mencionei o Projeto "Eu, Cotista" do ex-aluno da ESDI José Eugênio Andres, mostrando como ele utilizou um tema complexo na sociedade para utilizar uma ferramenta de design (Figura 39).

Afirmo, em seguida, a possibilidade de uma atuação ativista dentro do design e de como ela presume uma análise pessoal. A partir daí, elaborei duas perguntas para o público e para os convidados, dando continuidade para a conversa e para o assunto (Figura 40).

Por fim, acredito que a organização da apresentação e início do bate-papo foi importante para identificar a forma como a pesquisa pode se conectar com o público, considerando que elas não teriam participado de outras fases da pesquisa previamente.



Figura 35 Capa - Apresentação "Design e Ativismos: a construção do olhar" (autoria própria)



Figura 36 Tela 4 - Apresentação "Design e Ativismos: a construção do olhar" (autoria própria)



Figura 37 Tela 8 - Apresentação "Design e Ativismos: a construção do olhar" (autoria própria)



Figura 38 Tela 11 - Apresentação "Design e Ativismos: a construção do olhar" (autoria própria)



Figura 39 Tela 12 - Apresentação "Design e Ativismos: a construção do olhar" (autoria própria)

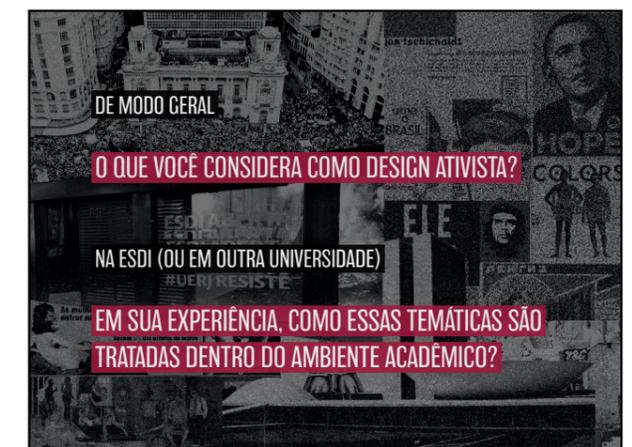


Figura 40 Tela 14 - Apresentação "Design e Ativismos: a construção do olhar" (autoria própria)

## 8.2 Evento

Para a realização do evento foi necessário um planejamento cuidadoso, como projeto de Design de Serviços. Foi a etapa mais importante para a pesquisa, o momento que de fato iria ocorrer um discussão com um grupo de pessoas. Convidei para o debate o ex-aluno da ESDI José Andres, com quem havia feito entrevista na etapa anterior da pesquisa e Eduardo Barros Gonçalves, mestrando da ESDI, que havia feito um trabalho sobre Gênero e Identidade. Foram essenciais os momentos de conversas que ocorreram no evento, mas também a conversa que aconteceu previamente, onde expliquei a forma como o bate-papo iria ocorrer.

Para divulgar o evento, foram feitas peças para o *Instagram*, utilizando a identidade criada para a capa da apresentação, porém nos formatos 4:4 e 16:9, chamando o público para o evento (Figura 41).

O evento aconteceu no dia 26 de Julho de 2020 às 18h, pela plataforma *Google Meet* (Figura 42). A fala inicial ocorreu da forma como foi descrita anteriormente, com um público de por volta de 30 pessoas. Grande parte da interação ocorreu pelas perguntas no fórum da plataforma. Caso queira assistir, o bate papo está no link: <<https://vimeo.com/user68278072/review/461640504/0f65fa9e60>>.

Foi muito importante para o projeto ter um momento de interação. Mesmo não sendo de modo presencial, como estava sendo planejado para acontecer inicialmente. Como consequência, este formato permitiu que pessoas de lugares diversos participassem do evento.

No final do evento, foi divulgado um perfil na plataforma *Instagram*, criado anteriormente, pensando na possível articulação com os dados obtidos, tanto no evento quando em momentos anteriores da pesquisa para que para que houvesse continuidade na conexão entre os participantes e o projeto. O nome do perfil @design\_ativismos foi mencionado na fala final do evento e será utilizado na próxima etapa (Figura 43)

Analisando as falas, pude perceber algumas questões. De maneira geral, considero o resultado muito satisfatório, no entanto ainda persiste a necessidade de um evento presencial, com mais estudantes da ESDI. Um outro detalhe foi que, por muitas vezes, a conversa se dirigia a uma temática mais ligada à ética e inclusão no trabalho de design e menos para um busca de uma definição de design ativista. Neste momento, percebi que havia iniciado um debate mais extenso e profundo do que havia planejado.



Figura 41 Imagens produzidos para o Instagram (autoria própria)



Figura 43 Imagem da página @design\_ativismos após sua criação (autoria própria)

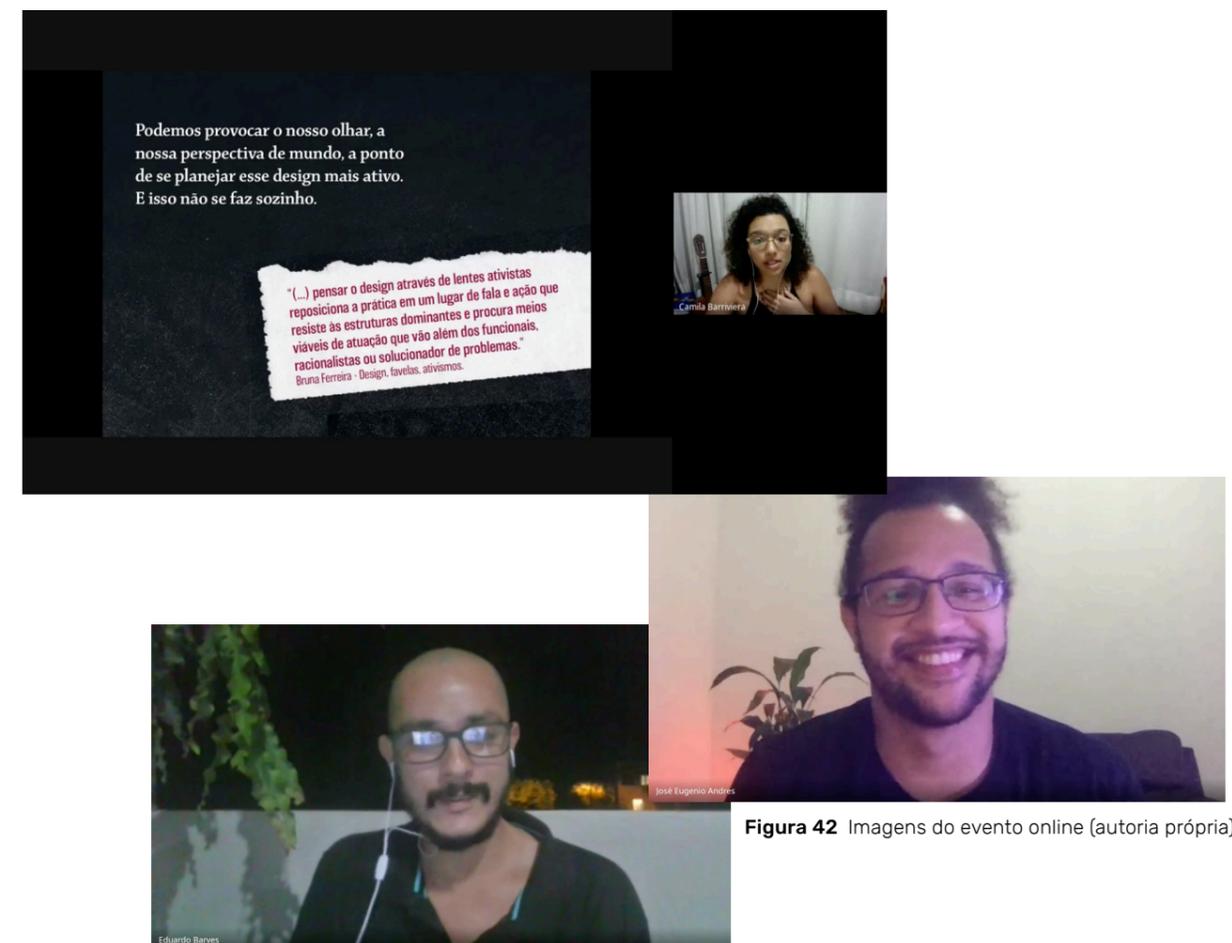


Figura 42 Imagens do evento online (autoria própria)

## 8.3 Visualização

De acordo com as afirmações anteriores, o projeto inicialmente foi planejado para ser presencial. As mudanças ocorridas diante da pandemia do COVID-19, afetaram também esta etapa de articulação. A ênfase central deste momento são os cartazes. O objetivo era permitir que as pessoas tivessem conhecimento dos temas abordados ao longo deste projeto, para que possivelmente tivessem suas próprias discussões sobre o assunto. Portanto, foram planejados 4 cartazes centrais, com temas mais gerais, cada um com seus subtemas, identificados a partir dos dados retidos no questionário, entrevista, bate-papo e pesquisa literária.

Dessa forma, os cartazes foram pensados para ter sua versão física e online, cada um com suas necessidades gráficas. Na versão online, o tamanho da fonte usada para os subtemas foi menor, considerando que ele estaria dividido na página, não precisou do texto de descrição, pois estaria com uma explicação em postagens anteriores, e o número do cartaz estava em preto (Figura 44).

Para o cartaz físico, foram planejados cartazes quadrados (30x30cm), podendo ser impressos em folha A4, (com 60% do tamanho real, 18x18cm), em uma folha Super A3 ou duas A3, em versões colorida (Figura 45) e preta e branca (Figura 46). Nos cartazes para impressão foram feitas alterações na tonalidade e no número do cartaz, que se tornou branco para criar contraste. Para essas mudanças acontecerem foi realizado um teste de impressão (Figura 47). As versões maiores de todos os cartazes se encontram no fim do relatório (Apêndice 3) e caso queira imprimir o link para os documentos é: <<https://drive.google.com/drive/folders/104mnNNWEJeogLMBk4zw-5nOAbMS0i6H-b?usp=sharing>>.

Para a versão digital, foi planejada uma articulação utilizando a plataforma de redes sociais *Instagram*, no perfil criado após o bate-papo. Assim foram postadas uma sequência de imagens explicando para o público os parâmetros do projeto.



Figura 44 Cartazes versão online (autoria própria)



Figura 45 Cartaz "Sociedade" versão física e colorida (autoria própria)



Figura 46 Cartaz "Sociedade" versão física e em preto e branco (autoria própria)



Figura 47 Imagem do teste de impressão (autoria própria)

## POSTAGEM EXPLICAÇÕES SOBRE O PROJETO

Neste momento, expliquei resumidamente as etapas do projeto, como já explicadas ao longo deste relatório. Sendo, a parte inicial de pesquisa ("pesquisa"), importante para o aprofundamento no tema, para depois acontecerem momentos de interação com outras pessoas, essencial para tornar a discussão mais ampla ("troca"). Para em seguida, irmos para o momento de articulação de todos os dados obtidos ao longo do projeto ("articulação") (Figura 48). Os ícones utilizados foram obtidos no site *Noun Project* (<[www.nounproject.com](http://www.nounproject.com)>).



Figura 48 Imagens "Explicação Projeto" (autoria própria)

## POSTAGEM EXPLICAÇÃO DE LEITURA

Para auxiliar na compreensão do material, foi pensada uma sequência de postagens que explicam sua organização (Figura 49). Porém o leitor é livre para olhar o material da forma que preferir.



Figura 49 Imagens "Explicação Leitura" (autoria própria)

## DADOS

Para cada dados obtido, foram pensados um subtema e tema geral, organizados posteriormente em cartazes. Para os dados, foram organizadas visualizações que indicavam uma familiaridade entre elas, utilizando somente as cores e conteúdo para diferenciação (Figura 50).



Figura 50 Imagens "Subtemas " (autoria própria)

## EXEMPLO DE ARTICULAÇÃO

A seguir, mostro um exemplo de cartaz e como ele se articula com os subtemas e nos dados (Figura 51). A articulação completa está em: <[https://www.instagram.com/design\\_ativismos/](https://www.instagram.com/design_ativismos/)> (Figura 52).



Figura 51 Exemplo de articulação entre os materiais

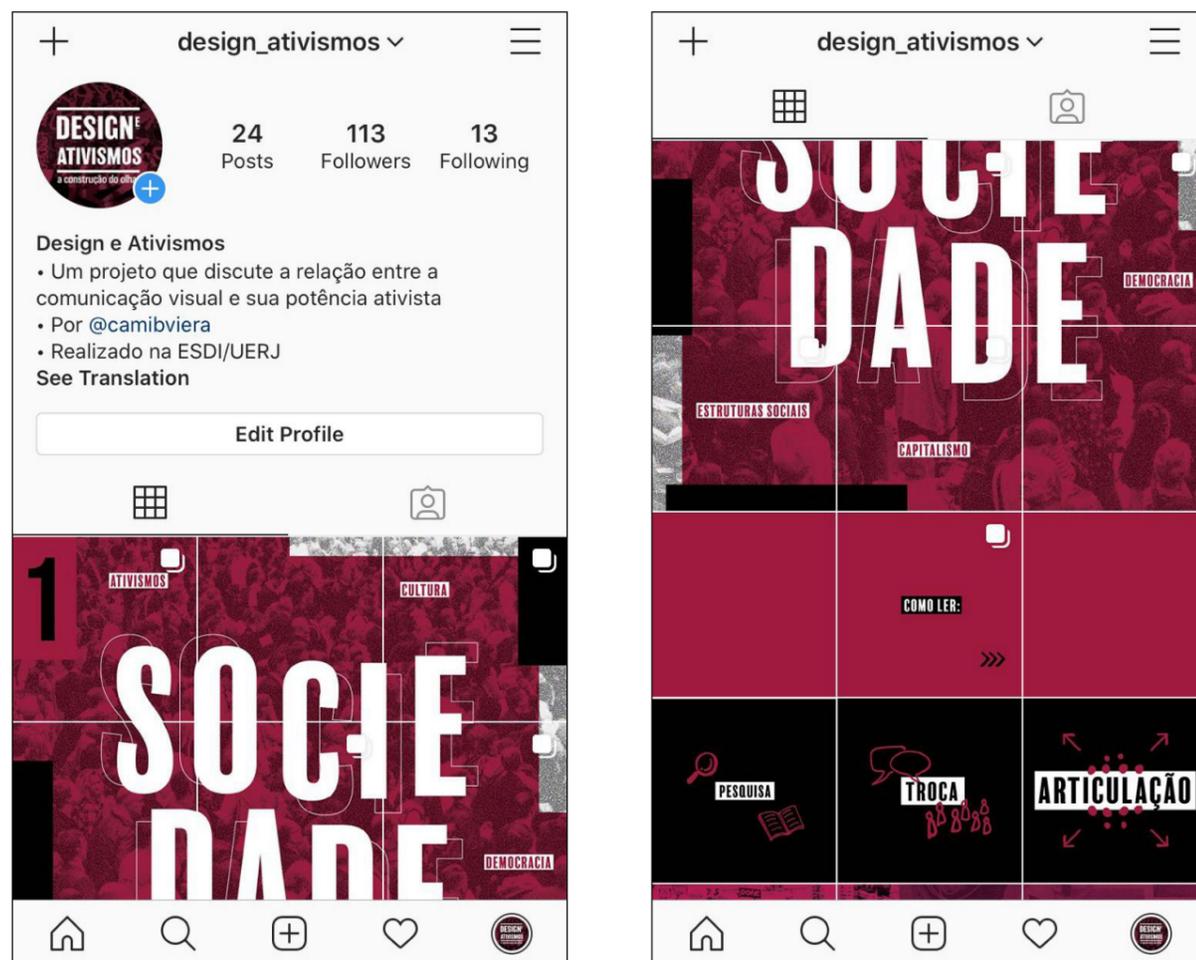


Figura 52 Exemplo imagem da página @design\_ativismos

Concluo que a articulação foi muito importante para a exposição de dados obtidos ao longo da pesquisa. Nas redes sociais, ela foi feita com os quatros cartazes, porém vejo a possibilidade de se acrescentarem mais conteúdos de pesquisa para cada tema, além dos encontrados no bate-papo, questionário e entrevista. Por muitas etapas desta pesquisa, obtive muita informação. Então foi importante tentar criar um momento de retorno para o público.

Acredito que esta etapa poderá se tornar mais completa com conteúdos mais diversos, com outros tipos de mídias (*podcast*, vídeos, animações) e utilizando-se outras ferramentas da plataforma (como caixas de perguntas, questionários e perguntas de múltipla escolha), buscando ao final, mais envolvimento entre os participantes. Afinal, argumentei no início deste relatório sobre a importância da rua e do muro na luta dos movimentos sociais, então faz sentido que, por conta das condições atuais, estes elementos tenham feito muita falta. Imagino que em um desenvolvimento futuro estes momentos fora da rede social possam ser incluídos.

## 9. Considerações Finais

### 9.1 Um último contato

Para validar a trajetória deste projeto e entrar em contato com algumas pessoas que acompanharam algumas etapas, enviei, pela plataforma do *Google Form*, duas perguntas em relação ao trabalho: "Como você avalia o desdobramento do projeto?" e "Você possui alguma sugestão ou comentário em relação ao projeto?". Considerando que o público é formado especialmente por estudantes de design, especificamente os que haviam ingressado recentemente, enviei este formulário para este público e para os convidados do bate papo.

Algumas das respostas recebidas foram:

Creio que o formato digital, no *Instagram* é adequado para o público da conversa, e além disso, a linguagem visual casa muito bem com o tema. Consigo imaginar muito bem novos conteúdos, fotos vídeos, entrevistas e etc acerca do projeto. Reforçando o fato de que o evento realizado foi uma ótima forma de falar sobre o projeto. (Gabriel Fernandes)

Potente. Em função da pandemia do COVID-19, as possibilidades de mobilização do projeto ficaram limitadas ao ambiente virtual, o que, no entanto, não foi um empecilho para o seu impulsionamento. Alinhado com o dinamismo das novas linguagens digitais, os desdobramentos do estudo dos quais tenho conhecimento (uma live aberta ao público e um perfil sobre o tema no *Instagram*), se colocaram e se colocam como ferramentas interativas e propagadoras das questões levantadas inicialmente, podendo ser utilizadas para a proposição de debates contínuos sobre o tema, ampliando o espectro de possibilidades dos chamados "dispositivos de conversação",

tão caros à atuação de um design que se pretenda estruturalmente questionador e, como desejamos, ativista.

Acredito que os debates sobre o tema central do projeto possibilitam a ampla abordagem de questões necessárias para uma sensibilização coletiva que possa nos conduzir às reformatações sociais que desejamos. Se projetos acadêmicos são incapazes de, sozinhos, mudarem as realidades que nos oprimem e/ou precarizam, a soma de esforços no mesmo sentido pode trabalhar para a mobilização da classe rumo a auto consciência profissional e possivelmente para a construção de uma realidade materialmente mais igualitária. (Eduardo Barros Gonçalves)

Essas respostas foram importantes para a pesquisa, pois sempre busquei o contato com o público de forma a expandir as possibilidades o que somente eu estaria pensando em realizar. Futuramente, com todas as articulações realizadas, imagino que o entendimento do tema seja mais completo e que esse retorno seria diferente.

## 9.2 Ativismo e Militância

Um tópico muito importante desta discussão que articulei com este projeto, que optei deixar para o momento final, é a relação entre ativismo e militância. Muitas vezes esses dois assuntos se cruzam e acredito que a dificuldade de entender os ativismos é quando eles ocorrem de forma superficial e pouco planejada, ou seja, sem o entendimento do tema e de seus desdobramentos. O próprio Paulo Freire, no livro **Pedagogia do Oprimido** (1968), já mencionado aqui, afirma que

A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade. (FREIRE, 1989, p. 67)

Acredito que essas questões são entendidas de forma diferentes quando aplicadas ao que chamamos de militância, por mais que o termo tenha recebido um esvaziamento em sua utilização, da mesma forma como vimos com o ativismo. De acordo com o texto **Luta Libertária – Militância e Ativismo**, o autor Felipe Corrêa dispõe sobre as diferenças entre os dois conceitos em relação ao seu projeto de vida e a luta por causas, afirmando que a militância se diferencia na medida que se constrói como projeto de vida, de forma mais profunda e séria:

Enquanto na militância ela própria passa a ser a vida do militante, no ativismo acontece a relação oposta e a própria vida é que passa a ser a prática ativista. No primeiro

caso, a vida pessoal se adapta às necessidades da luta, no segundo caso, é a militância que deve caber na vida pessoal do indivíduo. (CORRÊA, 2011)

Pessoalmente, acredito que esse debate é muito importante para se entender o modo como lidamos com a luta em movimentos sociais dentro na nossa vida e isso gera consequências diretas quando aplicadas ao design, como tenho investigado. Certas questionamentos que proponho dentro do ativismo, não teriam sido investigados com tanta profundidade se fosse utilizado o conceito de militância. Por isso decidi não incluí-la na pesquisa de aprofundamento, pois penso que, por si só, é uma articulação ainda mais complexa.

O que concluo também, é que ao analisar a conexão entre ativismo no campo do design, dei início a outro debate profundo sobre a ética dentro da atuação do designer, já que estamos falando das possibilidades dentro deste campo. O livro **Ruined by Design**, de Ibrahim Cesar (2019) discorre sobre como estamos afetando o mundo e o autor criou um código de ética para designers (em português no link: <[https://github.com/mmmonteiro/designethics/blob/master/pt\\_BR.md](https://github.com/mmmonteiro/designethics/blob/master/pt_BR.md)>.) Ou seja, acredito que esta discussão está crescendo positivamente no meio do design, espero que no futuro isso ocorra de forma mais profunda dentro do Brasil, para que possamos enxergar nossas peculiaridades e que sejam articulados por um grupo ainda mais diverso.

## 9.3 Depoimento Final

O trabalho apresentado é consequência de diversos fatores.

É consequência de insatisfações, questionamentos e ausências notadas ao longo de muitos anos me formando como designer. Fui inspirada por diversos contextos atuais e antigos, por vivências e discussões. Por conta disso o trabalho por muitas se tornou muito difícil de ser continuado em diversos momentos, especialmente durante uma pandemia global em um país que passando pelo momento político atual. O que nunca foi fácil havia se tornado ainda mais difícil.

Esse trabalho também é consequência de muito privilégio. De me sentir capaz, de ter uma vida estável o bastante que permita a minha investigação mais profunda em relação ao tema sem maiores obstáculos. Foi muito importante entender como isso afetava a minha saúde mental e me fez considerar a necessidade do autocuidado na luta por causas sociais. Além

disso, me fez perceber que a luta também é uma trajetória pessoal, que não pode ser cobrada ao próximo e cada um em sua jornada.

E acima de tudo, resulta em felicidade, em um sentimento de realização ao conseguir articular esses assuntos e ainda incluir outras pessoas no processo. Aprendi muito durante toda essa trajetória e sou muito grata à todos que participaram. Sendo um dos objetivos a desmistificação de certas visões do design fico feliz de ter passado por esses processos que eu modifiquei demais a minha visão ao fazer este projeto e espero que ela ainda vá mudar muito mais. Espero que os próximos estudantes sejam honestos consigo mesmos em relação à sua vivência, ao seu jeito de fazer design e à sua vida de maneira geral.

Fico satisfeita com os resultados obtidos nessa jornada, por mais difícil que tenha sido em alguns momentos. Aprendi muito sobre a forma como eu lido com os meus ativismos e meu posicionamento nas lutas sociais. Expandi o meu conhecimento sobre as possibilidades do design, algo que servirá de influencia para atuações futuras. Penso que, eventualmente, em um momento mais favorável em relação à situação sanitária, o projeto possa se desdobrar ainda mais, sendo realizado de forma presencial, resultando em uma interação maior com as pessoas.

## 10. Referências

ALFANO, Bruno. **Negros são Maioria pela Primeira Vez nas Universidades Públicas, Aponta IBGE.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/negros-sao-maioria-pela-primeira-vez-nas-universidades-publicas-aponta-ibge-24077731>>. Acesso em: nov. 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ANDERSEN, Margaret. **Why Can't the U.S. Decolonize Its Design Education?** Disponível em: <<https://eyeondesign.aiga.org/why-cant-the-u-s-decolonize-its-design-education/>>. Acesso em: nov. 2019.

ANDREATO, Elifas. **Cartazes.** Disponível em: <[http://www.emporioelifasandreato.com.br/04\\_cartazes/default.asp#cartaz\\_08.jpg](http://www.emporioelifasandreato.com.br/04_cartazes/default.asp#cartaz_08.jpg)>. Acesso em: nov. 2019.

ANDREATO, Elifas. **Cartazes.** Disponível em: <[http://www.emporioelifasandreato.com.br/04\\_cartazes/default.asp#cartaz\\_21.jpg](http://www.emporioelifasandreato.com.br/04_cartazes/default.asp#cartaz_21.jpg)>. Acesso em: nov. 2019.

ANDRES, José E. **Design e Sociedade: Visualização de Aspectos das Ações Afirmativas na Uerj.** Rio de Janeiro: Trabalho de Conclusão de Curso, ESDI. 2018.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana.** Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro : Foren- se Universitária, 2005.

ARTSY. **Basquiat's "Defacement": The Untold Story.** Disponível em: <<https://www.artsy.net/show/guggenheim-museum-basquiats-defacement-the-untold-story-1>>. Acesso em: set. 2020.

BATISTA, Waleska Miguel. **A Inferiorização dos Negros a Partir do Racismo Estrutural**. Rev. Direito Práx., Rio de Janeiro, Vol. 9, N. 4, 2018, p. 2581-2589.

BEARDSLEY, Eleanor. **In France, The Protests Of May 1968 Reverberate Today – And Still Divide The French**. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/parallels/2018/05/29/613671633/in-france-the-protests-of-may-1968-reverberate-today-and-still-divide-the-french>. Acesso em: set. 2020.

BORGES, I. S. **Design Gráfico como Forma de Descolonização**. Instituto Politécnico de Leiria. Caldas de Rainha, 2019.

BRAGA, Marcos da Costa (Org.). **O Papel Social do Design Gráfico**. 1ª Ed. São Paulo. Editora Senac. 2011.

CARDOSO, Rafael. **Design Para Um Mundo Complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CAROLINE, Priscilla. **A Arte Feminista de Barbara Kruger**. Disponível em: <https://blogfeministas.files.wordpress.com/2014/09/barbara-kruger-your-body-is-a-battleground-19891.jpg?w=770>. Acesso em: nov. 2019.

CESAR, Ibrahim. **"Ruined by Design", um livro mais do que necessário**. Disponível em: <https://brasil.uxdesign.cc/ruined-by-design-um-livro-mais-do-que-necessario-9a4026ee110e>. Acesso em: set. 2020.

COLLOR, Natalia. **O Design Ativista é de Fato Para Quem Não Aguenta Mais**. Disponível em: <https://medium.com/@nataliacollor/o-design-ativista-e-de-fato-para-quem-nao-aguenta-mais-110183723e01>. Acesso em: nov. 2019.

CONSIDINE, Liam. **Screen Politics: Pop Art and the Atelier Populaire**. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/research/publications/tate-papers/24/screen-politics-pop-art-and-the-atelier-populaire>. Acesso em: set. 2020.

CORRÊA, Felipe. **Luta Libertária – Militância e Ativismo**. Disponível em: <https://anarquismorj.wordpress.com/textos-e-documentos/teoria-e-debate/luta-libertaria-militancia-e-ativismo/>. Acesso em: set. 2020.

CORREIO BRAZILIENSE, site. **Para Especialistas, Crise e Corrupção Aumentam Insatisfação com Democracia**. Disponível em: [https://www.correio-braziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/05/13/interna\\_politica,754620/por-que-a-democracia-esta-em-crise.shtml](https://www.correio-braziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/05/13/interna_politica,754620/por-que-a-democracia-esta-em-crise.shtml). Acesso em: nov. 2019.

braziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/05/13/interna\_politica,754620/por-que-a-democracia-esta-em-crise.shtml>. Acesso em: nov. 2019.

CRUZ, Yhuri. **Monumento À Voz De Anastácia**. Disponível em: <http://yhuricruz.com/2019/06/04/monumento-a-voz-de-anastacia-2019/>. Acesso em: nov. 2019.

DIAS, Marina. **Pesquisa Mostra que 83% Estão Insatisfeitos Com Democracia no Brasil**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/pesquisa-mostra-que-83-estao-insatisfeitos-com-democracia-no-brasil.shtml>. Acesso em: nov. 2019.

DISALVO, C. **Design, Democracy and Agonistic Pluralismo**. Design Research Society Conferece, Montreal, 2010. Proceedings...

**Emory Douglas, the Art of The Black Panther**. Direção: Dress Code. 8 min. 2015. Disponível em: <https://vimeo.com/128523144>. Acesso em: jul. 2020.

FLORESTI, Felipe. **Manifestações de 'Junho de 2013' Completam Cinco Anos: o Que Mudou?**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2018/06/manifestacoes-de-junho-de-2013-completam-cinco-anos-o-que-mudou.html>. Acesso em: ago. 2020.

FRASCARA, Jorge. **Diseño Gráfico y Comunicación**. 7ª Ed. Buenos Aires. Infinito, 2000.

FRASCARA, Jorge. **O Papel Social do Design Gráfico**. Em Revista Design & Interiores, São Paulo, Projeto Editores, ano 3, n. 17, p. 125-128, dezembro de 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra. 29ª edição. 1987

FUAD-LUKE, A. (2009) **Design Activism, Beautiful Strangeness for a Sustainable World**. Routledge; Edição: 1ª.

FÓRUM, Revista. **Representação Feminina no Governo do Brasil Está Entre as Piores do Mundo**. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/representacao-feminina-no-governo-do-brasil-esta-entre-as-piores-do-mundo/>.

GALVÃO, Pedro. **Pink Money: Como Sua Marca Deve Se Relacionar Com o Público LGBTI+**. Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/pink-money/>. Acesso em: nov. 2019.

GONZÁLEZ, Lélia. **Epígrafe de Abertura do Texto “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”**, in: *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*, Brasília, ANPOCS, 1983, p. 225.

GONZÁLEZ, Lélia. Epígrafe de abertura do texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, in: **Movimentos Sociais Urbanos, Minorias Étnicas e Outros Estudos**, Brasília, ANPOCS, 1983, p. 225.

GOOGLE ARTS & CULTURE. **A Verdade Ainda que Tardia**. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/a-verdade-ainda-que-tardia/sAGn5omD7GVKvw?hl=pt-BR>>. Acesso em: set. 2020.

GOOGLE ARTS & CULTURE. **Umas Facadinhas de Nada**. Disponível em: <[https://artsandculture.google.com/asset/a-few-small-nips-frida-kahlo/oQG\\_590SEeTDaw](https://artsandculture.google.com/asset/a-few-small-nips-frida-kahlo/oQG_590SEeTDaw)>. Acesso em: set. 2020.

GOOGLE BOOKS. **Étapes: 222: Design Graphique & Culture Visuelle**. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=RJGrBQAAQBAJ&dq=Rêves+de+colonies/Yvon+Langué&hl=pt-BR&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.com.br/books?id=RJGrBQAAQBAJ&dq=Rêves+de+colonies/Yvon+Langué&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s)>. étapes éditions, 2014, p. 70, 71. Acesso em: nov. 2019.

GOOGLE TRENDS. **Pesquisa do Termo “Ativista”**. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=Ativismo>>. Acesso em: ago. 2020.

GOUVÊA, Victor. **Pink Money: Marcas Tentam Superar Discurso Vazio e Mostrar Resultados Para LGBTs**. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/entry/pink-money-lgbt\\_br\\_5d6d48eee4b09bbc9ef30ac2](https://www.huffpostbrasil.com/entry/pink-money-lgbt_br_5d6d48eee4b09bbc9ef30ac2)>. Acesso em: nov. 2019.

HAJE, Lara. **Baixa Representatividade de Brasileiras na Política se Reflete na Câmara**. Agência Câmara de Notícias. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/554554-baixa-representatividade-de-brasileiras-na-politica-se-reflete-na-camara/>>. Acesso em: nov. 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: a Educação como Prática da Liberdade**. Editora Martins Fontes. 1ª edição. 2013.

IGBE, site. **Quantidade de Homens e Mulheres**. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>>. Acesso em: nov. 2019.

INSTAGRAM. **Design Ativista**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/designativista/>>. Acesso em: nov. 2019.

INSTAGRAM. **Emicida**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/emicida/?hl=pt-br>>. Acesso em: set. 2020.

INSTAGRAM. **Queimada**. Disponível em: <[https://www.instagram.com/\\_queimada/](https://www.instagram.com/_queimada/)>. Acesso em: set. 2020.

JORDAN, John. **Artivism: Injecting Imagination into Degrowth**. Publicado: 30 ago. 2016. Disponível em: <[https://www.degrowth.info/wp-content/uploads/2016/07/DIM\\_Artivism.pdf](https://www.degrowth.info/wp-content/uploads/2016/07/DIM_Artivism.pdf)>. Acesso em: nov. 2019.

JUCÁ, Beatriz. **Cortes De Verbas Desmontam Ciência Brasileira e Restringem Pesquisa a Mais Ricos**. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/03/politica/1567542296\\_718545.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/03/politica/1567542296_718545.html)>. Acesso em: nov. 2019.

JULIANO, C. **Expandindo o Debate sobre Questões de Gênero**. ESDI. Rio de Janeiro, 2018.

KIKO FARKAS, site. **Os Cartazes Desta História**. Disponível em: <<https://www.kikofarkas.com.br/editorial/os-cartazes-desta-historia/>>. Acesso em: set. 2020.

LOPES, Sabrina. **Do Design à Arte Contemporânea**. Disponível em: <[https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcT2t-c7KiTkud-gLUYvN\\_upv9RhP-yR2gSt2UqLEAQVG7GbaKTEi&s](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcT2t-c7KiTkud-gLUYvN_upv9RhP-yR2gSt2UqLEAQVG7GbaKTEi&s)>. Acesso em: nov. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LUPI, Georgia. **Data Humanism, the Revolution will be Visualized**. Disponível em: <<https://medium.com/@giorgialupi/data-humanism-the-revolution-will-be-visualized-31486a30dbfb>>. Acesso em: nov. 2019.

LUPTON, E. et Miller, A. **O ABC da Bauhaus: A Bauhaus e a Teoria do Design**. GG Brasil. 2019

MARGOLIN, Victor; **A ‘Social Model’ of Design: Issues of Practices and Research**. Em Design Issues, vol. 18, nº 4, Abril de 2002.

MARTINS, Vivian Suarez. CAMPOS, Gisela Belluzzo de. **Artivismo e Ativismo: Design Gráfico e Coletivos**. DATJournal v.5 n.1. p. 114-117. 2020.

MAZZI, Carolina. **Violência Doméstica Dispara na Quarentena: Como Reconhecer, Proteger e Denunciar.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus-servico/violencia-domestica-dispara-na-quarentena-como-reconhecer-protger-denunciar-24405355>>. Acesso em set. 2020.

McCOY, Katherine. **Countering the Tradition of the Apolitical Designer.** Em BIERUT, Michael et al. *Looking Closer 2: Critical Writings on Graphic Design.* Nova York: Allworth Press, 1997.

MCKINLEY, Angelica; RUSSONELLO, Giovanni. **Fifty Years Later, Black Panthers' Art Still Resonates.** Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/10/16/arts/fifty-years-later-black-panthers-art-still-resonates.html>>. Acesso em: set. 2020.

MITCHELL, W. J. T. **Interview with Kruger.** Disponível em: <[https://monoskop.org/images/a/a3/Mitchell\\_WJT\\_1991\\_An\\_Interview\\_with\\_Barbara\\_Kruger.pdf](https://monoskop.org/images/a/a3/Mitchell_WJT_1991_An_Interview_with_Barbara_Kruger.pdf)>. Acesso em: nov. 2019.

MYASHIRO. **Com Design, além do Design: os Dois Lados de um Design Gráfico com Preocupações Sociais.** p.65-85. In: BRAGA, Marcos da Costa (Org.). "O Papel Social do Design Gráfico: História, Conceitos e Atuação Profissional". 1a Ed. São Paulo. Senac, 2011.

NAIARA. **Militância Clickbait: Ídolos Virtuais, Ego e Passação de Pano.** Disponível em: <<https://medium.com/@mrssbig/militancia-clickbait-%C3%ADdolos-virtuais-ego-e-passa%C3%A7%C3%A3o-de-pano-8575026bf664>>. Acesso em: nov. 2019.

O GLOBO, Jornal. **CCBB-Rio Inaugura Exposição do Artista Chinês Ai Weiwei.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/o-que-fazer-no-rio-de-janeiro/noticia/2019/08/21/ccbb-rio-inaugura-exposicao-artista-chines-ai-weiwei.ghtml>>. Acesso em nov. 2019.

OLIVEIRA, Chico. **As Grandes Mulheres Por Trás Do Logotipo Do Partido Dos Panteras Negras.** Disponível em: <<https://medium.com/zinexted/as-grandes-mulheres-por-tr%C3%A1s-do-logotipo-do-partido-dos-panteras-negras-535044465ba9>>. Acesso em: nov. 2020.

OLIVEIRA, Flávia. **Gosto de Pensar a Política de (...) #GilNoCanalBrasil #EquipeGil.** 4 nov. 2019. Twitter: @flavaoal. Disponível em: <<https://twitter.com/flaviaol/status/1191533109516414983>>. Acesso em: nov. 2019.

OLIVEIRA, Flávia. **Sinal positivo ao Sistema de Cotas.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/sinal-positivo-ao-sistema-de-cotas-23558663>>. Acesso em: nov. 2019.

OLIVEIRA, Joana. **Estudantes Voltam às Ruas Contra o Bloqueio do Orçamento de Universidades.** Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/13/politica/1565649573\\_655949.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/13/politica/1565649573_655949.html)> Acesso em: nov. 2019.

PAPANÉK, Victor. **Design for the Real World.** 2a Ed. Chicago. Academy Chicago Publishers, 2005.

REDE NAMI, site. **Tá Ligado na NAMI?** Disponível em: <<https://redenami.wixsite.com/nami/nami>>. Acesso em: set. 2020.

REVISTA FORUM. **Na Noite Das Campeãs, Carnavalesco da Mangueira diz que Desfile "É Um Recado Para a Sociedade".** Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/brasil/na-noite-das-campeas-carnavalesco-da-mangueira-diz-que-desfile-e-um-recado-para-a-sociedade/>>. Acesso em: nov. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?** Pólen, 2017.

RISNER, Sophie. **Gran Fury: Read My Lips.** Disponível em: <<http://thisistomorrow.info/articles/read-my-lips>>. Acesso em: set. 2020.

SACCHETTA, Org. Vladimir. **Os Cartazes Desta História: Memória Gráfica da Resistência à Ditadura e da Redemocratização (1964 - 1985).** São Paulo: Instituto Vladimir Herzog e Escrituras Editora, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias de Currículo.** 3ª Edição. Editora Autêntic. 2010.

TANOUE, Suzanne. **#Afrografiteiras: Sobre Graffiti, Mulheres e Protagonismo.** Disponível em: <<https://zupi.pixelshow.co/afrografiteiras-sobre-graffiti-mulheres-e-protagonismo/>>. Acesso em: set. 2020.

TERRY, Irwin. **Design a Worldview for Social Impact: Terry Irwin at TEDxArtCenterCollegeOfDesign.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-te20sCFWlc>>. Acesso em nov. 2020.

THE GILDER LEHRMAN INSTITUTE OF AMERICAN HISTORY, site. **Civil Rights Posters, 1968.** Disponível em: <<http://ap.gilderlehrman.org/history-by-era/civil-rights-movement/resources/civil-rights-posters-1968>>. Acesso em: ago. 2020.

TORRES, Ana Paula. **O Sentido da Política em Hanna Arendt.** Trans/Form/Ação, São Paulo, 30(2): 235-246, 2007

UN WOMEN. **Women in Politics: 2019.** Disponível em: <<https://www.un-women.org/en/digital-library/publications/2019/03/women-in-politics-2019-map>>. Acesso em: nov. 2019.

UOL, Site. **Machismo está presente no cotidiano de 99% dos brasileiros, diz pesquisa...** Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2017/10/11/machismo-esta-presente-no-cotidiano-de-99-dos-brasileiros-diz-pesquisa.htm>>. Acesso em: nov. 2019.

UOL. **Raiz: Saiba Tudo Sobre A Grande Exposição De Ai Weiwei Que Ocupa A Oca, No Parque Ibirapuera.** Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/noticias/arte/raiz-saiba-tudo-sobre-a-grande-exposicao-de-ai-weiwei-que-ocupa-a-oca-no-parque-ibirapuera/>>. Acesso em: nov. 2019.

VALLEN, Mark. **DEMAND THE IMPOSSIBLE! - Posters From The 1968 Paris Uprising.** Disponível em: <<https://www.art-for-a-change.com/Paris/paris2.html>>. Acesso em: nov. 2019.

VIERA, Teresa de Jesus Batista. **Artivismo: Estratégias Artísticas Contemporâneas de Resistência Cultural.** Universidade do Porto/Faculdade de Belas Artes. Porto, 2007.

YAMAMOTO, Ricardo Kenji Kunitake. **Papel Social do Designer Gráfico: Realidades e Premissas Curso de Design.** FAU USP: São Paulo, 2014.

# 11. Apêndices

## 1 Entrevista

### **Trechos Entrevista com José Eugênio Andres sobre o Trabalho de conclusão de Curso “Eu, Cotista”**

#### TRAJETÓRIA DO PROJETO

“Quem se dá bem no TCC geralmente é porque esse conectou com o tema. (...) Então tudo começa com uma busca pessoal, do que você tem interessa para depois olhar em volta e entender um problema real. É um conjunto dessas coisas.”

“Eu percebi que muitas vezes as pessoas falavam de um tema, de outras culturas e acabam se apropriando de um dilema que ela não passa. Até para entrar nesse “mercado” que existe hoje. (...) Já que está sendo moda falar sobre esse tema, vou falar dele também.”

“Então é necessário que nós pessoas negras, por exemplo, falássemos desses temas que nos envolvem. Par não ser muito uma fala de ‘vamos aqui salvar essas pessoas’.”

“Eu não queria sair da ESDI frustrado, queria finalizar o projeto com orgulho do que fiz, pensando ‘Fiz um bom trabalho’.”

“Eu tinha diversos objetivos com o meu trabalho o diálogo era pra ser visual, pra fazer as pessoas pararem e prestarem atenção. Eu não buscava criar nenhum conflito. E sim o debate.”

“Não queria colocar nenhuma imagem pictográfica, tirando de um contexto emocional. Só formas geométricas. As pessoas que não veem valor nas co-

tas, tem dificuldade de ser empáticas com histórias pessoas. Eu tinha que me afastar desse discurso, gerar curiosidade pela forma e assim, em um segundo momento, mostrar os dados.”

#### SOBRE A VIVÊNCIA NA ESDI

“Eu acho que eu passei por um momento de transição, foi meio gradual, principalmente com a mudança de direção. Então nos primeiros anos, acho que não tive oportunidade de ver professores discutindo certas questões e depois isso entrou nas salas de aula.”

“Gosto muito de eventos e no movimento estudantil, isso é um lugar em que essas questões sempre estiveram presentes, principalmente de gênero e social.”

“O meu projeto é uma oportunidade de falar sobre várias coisas com focos diferentes, posso falar sobre ferramentas de design, sobre processo de criação, mas também sobre o que seria design, sobre o processo inicial. É muito bom que o design consegue trabalhar sobre diversos temas e conversar sobre isso, sobre questões importantes.”

“Às vezes eu fico chocada em como eu tinha uma mente muito pequena sobre o que era design, sabe? E eu quero acelerar o processo das pessoas, para elas não passem por isso e cheguem até o 3º ano por exemplo, pensando nisso.”

“Ao mesmo tempo, eu acho importante pensar em um design além da técnica, mas ela também é muito importante. Para conseguir trabalhar o material, a técnica tem que ser trabalhada. O conceito sozinho não é o bastante. O design acontece quando essas coisas se casam e eu acho que a ESDI trabalha muito bem isso, como conceito arte e conceito metodologia.”

#### SOBRE O PROJETO

“O design nesse caso, pensa o projeto de exposição ao invés de somente fazer a exposição tecnicamente. Ela foi construída pelas pessoas e por quem está 100% por dentro do tema.”

“Por exemplo, se eu fosse fazer um projeto de serviço para o Starbucks. Eu tenho que ter a participação dos funcionários, vou usar uma metodologia e em conjunto, eles vão me ajudar a gerar ideias. Eles não são designers, mas elas têm conhecimento do meio, ajudam a gerar ideia, então eu posso

depois analisar esse processo e organizar as informações, além de pensar nesse processo inicialmente. E é por isso que eu gosto de pensar nessas construções, por isso que o design é legal.”

“A universidade é um grande laboratório. Quando a gente fala de como o design pode impactar o nosso território e o espaço que construímos projetos. Por exemplo, o meu projeto foi uma oportunidade que eu tive de fazer o que eu queria e em que outro lugar eu conseguiria fazer isso, sabe? E são poucas pessoas que empreendem depois e realmente gostam, é um desafio. É a universidade é um dos lugares que você mais pode explorar, não só a você mesmo, mas ao design.”

#### SOBRE O PROCESSO DE TCC

“Tenta aprender com esse processo sobre você mesmo. É o momento que você vai se entender: como eu trabalho bem como designer? De que jeito eu mais gosto de produzir? Quem sou eu?”

#### SOBRE O ATIVISMO

“Acho que o problema não é a contribuição em si. A falta da visibilidade de designer que tem o ativismo como vivência, que vive isso. A gente não sabe a intenção de quem faz isso, é só pelo status? É só para ser chamado para evento? (...) Existe muito altruísmo egoísta. Elas fazem isso para se sentir melhor talvez, o que não é errado. Mas eu também não vou dar crédito para essas pessoas mais do que ela merece, ela não faz nada além do que ela precisaria fazer. Enquanto muitas pessoas que estão na luta há tanto tempo, vem sendo silenciadas há muito tempo. E o ativismo tem um impacto real a vida delas, muitas não conseguem trabalho...Muitas vezes elas são vistas como marginais ou algo assim.”

“Eu sei que a minha vida é um ativismo, pelo jeito que eu sou. E eu não sei até que ponto eu tenho que esconder essa minha realidade. Eu sei que não poderia trabalhar em qualquer lugar. Mas isso é uma coisa boa e ruim, eu sei aonde eu pertencço ou não, onde eu me sinto confortável.”

“É meio paradoxal, às vezes você tem que escolher qual lugar você vai lutar por essas questões.”

## 2 Questionário

### Design e Ativismo na ESDI

Olá, meu nome é Camila e eu sou estudante da ESDI. Eu estou fazendo uma pesquisa para o meu TCC para entender as possibilidades de uso do design gráfico, principalmente em relação ao ativismo. Por meio desse questionário busco entender mais sobre a experiência de vocês em relação ao tema! Obrigada desde já!

**\*Obrigatório**

1. De qual turma da ESDI você é/foi? \*

\_\_\_\_\_

2. Qual seu gênero? (se tiver) \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Feminino  
 Masculino  
 Outro

3. Você é: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Estudante da graduação;  
 Estudante da pós-graduação;  
 Ex-estudante;

4. Você acha que o design pode contribuir para a busca por mudanças sociais, culturais etc? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim;  
 Não;  
 Depende;

5. Se sim, de que forma você acha que isso pode acontecer? (por exemplo, por meio de temáticas, propostas de trabalhos, etc)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6. Ao longo da sua trajetória na ESDI, você entrou em contato com essas questões? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, diversas vezes;  
 Sim, porém pouco;  
 Não, nunca;

7. Se sim, esse contato ocorreu em qual "espaço": \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Em aulas;  
 Em conversas com professores;  
 Em conversas com outros alunos;  
 Em eventos de design;

Outro:  \_\_\_\_\_

8. Se tiver interesse, comente mais sobre o assunto:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3 Cartazes



3

MERCADO

CREDIBILIDADE

NEUTRALIDADE

# ATUAÇÃO

PROFISSÃO

ATIVISMOS

VIVÊNCIA

TEMÁTICAS SOCIAIS

4

VOZ

APROPRIAÇÃO

SAÚDE MENTAL

VISÃO DE MUNDO

ATIVISMOS

# INDIVÍDUO

REPRESENTATIVIDADE

COMUNIDADE

AUTOCONHECIMENTO